



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Estudo do Pátio na Habitação Unifamiliar: quatro casas de Álvaro Siza Vieira

Adriana Isabel Rodrigues Lima Delgado

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(2º ciclo de estudos integrado)

Orientadora: Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins
Coorientadora: Prof. Doutora Mafalda Gambutas Teixeira de Sampayo

Covilhã, junho de 2013

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

* Os textos que se seguem foram escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa *

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Agradecimentos

Agradeço,

À Professora Doutora, Ana Maria Tavares, pela orientação e pelo ânimo.

À Professora Mafalda Sampayo, pelo rigor, orientação e bibliografia.

Aos meus colegas e amigos: Daniela Oliveira, Joana Pinto, Margarida Barbosa, André Marques, Rui Jorge, Inês Simão, Patrícia Rodrigues e Nino Neto Matias, Valéria Nascimento, Isabel Maria Cruz Carvalho e às minhas irmãs Ilda e Virgínia.

À Professora Maria Clara Silva, por me ter ensinado a gerir melhor o meu tempo.

Ao Professor Fernando Brito, pelos livros que me mostrou e o conhecimento que me passou.

Ao Professor Arquiteto Ricardo Figueiredo, pela magnífica aula na biblioteca da FAUP.

À tia Elvira e ao tio Mário pelo apoio que me prestaram ao longo deste tempo.

A todas as pessoas a quem tive de pedir direções, que gentilmente me indicaram o caminho que deveria seguir para chegar às escolas e às bibliotecas. A todos aqueles que me deixaram passar à frente nas fotocópias quando disse que estava com pressa.

Dedico este trabalho aos meus pais Manuela e Fernando.

E agradeço ao Afonso Silva de Brito com um carinho especial.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Resumo

Na presente dissertação reflete-se sobre o papel do pátio na organização do espaço doméstico em habitações unifamiliares contemporâneas portuguesas, nomeadamente, em quatro obras do Siza Vieira. Haverá uma contextualização do tema abordando as influências da tradição recolhidas através do Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa.

O objetivo consiste em compreender de que forma esta tipologia habitacional, a casa com pátio, poderá aumentar a qualidade de vida das famílias portuguesas, respondendo às necessidades atuais da habitação e procurando resolver problemas concetuais na génese da mesma.

É objetivo desta dissertação também, salientar a importância deste espaço de múltiplas funções, procurando estabelecer uma relação entre a função do pátio num todo que é a habitação unifamiliar da arquitetura popular portuguesa recorrendo a alguns exemplos de casas-pátio cujos levantamentos constam do IAP.

É também um objetivo primordial estabelecer diferenças e semelhanças entre os vários tipos de pátio e entender as conexões deste espaço com as outras áreas da casa. Para tal procede-se a uma contextualização do conceito histórico-urbano de pátio e à sua conseqüente reinterpretação nos séculos XX e XXI. Primeiro na formação das cidades aquando o seu aparecimento. Segundo na sua função na antiguidade clássica e reinterpretação no ocidente no século XX.

É feita uma abordagem da tipologia em estudo, no contexto da arquitetura moderna do século XX, recorrendo a casos específicos de casas-pátio, procurando interpretar as influências das casas-pátio no IAP na obra de Álvaro Siza Vieira e as suas semelhanças.

Palavras-chave

Habitação unifamiliar; Casa-Pátio; Arquitetura Popular Portuguesa; Álvaro Siza.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Abstract

This dissertation reflects the role of the patio in the organization of the domestic space in Portuguese contemporary houses, particularly, in four examples of Siza Vieira's work. There will be a contextualization of the theme addressing the influences of tradition collected through a Survey on Portuguese Traditional Architecture (Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa).

The goal is to understand how this housing typology, the courtyard house, can increase the quality of life of Portuguese families, responding to the needs of the current housing and trying to solve conceptual problems of its origin.

This dissertation's goal is also to highlight the importance of this multi-functional space, establishing a relationship between the function of the patio as a whole, characteristic of the single family house in Portuguese Traditional Architecture, using some examples of patio-houses which are listed in the IAP.

The establishment of similarities and differences between the various types of patio and understanding the connections of this area with other areas of the house is also a primary objective of this work. For such proceeds the contextualization of the historical-urban concept of patio and its consequent reinterpretation in the XX and XXI centuries. First, in the formation of cities during its appearance. Second, its function in the Classical antiquity and its reinterpretation in the Western world in the twentieth century.

An approach of the typology studied in this dissertation is made in the context of modern architecture of the twentieth century, using specific cases of courtyard homes, attempting to interpret the influences of courtyard homes in the IAP, in the work of Álvaro Siza Vieira and their similarities.

Keywords

Single-family housing; courtyard house; Portuguese Traditional Architecture; Álvaro Siza.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Índice

ÍNDICE DAS FIGURAS.....	XIV
INTRODUÇÃO.....	1
1.0 ENQUADRAMENTO DO PÁTIO.....	3
1.1 DEFINIÇÃO DE PÁTIO.....	3
1.2 ORIGEM DAS CASAS COM PÁTIO.....	4
1.3 ANTIGUIDADE: A CASA SUMÉRIA.....	5
1.4 ANTIGUIDADE CLÁSSICA: DO PERÍODO HELÉNICO AO IMPÉRIO ROMANO.....	7
1.4.1 A casa grega.....	7
1.4.2 A casa-pátio de Roma.....	8
1.5 A CASA- PÁTIO ISLÂMICA.....	10
1.6 A CASA DE ORIGEM JAPONESA.....	10
2.0 AS CASAS COM PÁTIO NA ARQUITETURA MODERNISTA.....	13
2.1. A CASA-ÁTRIO MODERNA.....	13
2.2. O PÁTIO E OS MESTRES MODERNOS.....	15
2.2.1. Le Corbusier.....	15
2.2.2. Mies van der Rohe.....	15
2.2.3. Casas - Pátio em L.....	17
2.2.4. As casas pátio na arquitetura de Alvar Aalto.....	18
2.2.5. As casas com pátio e o princípio binuclear breuriano.....	19
2.2.6 Transformação dos padrões de vida: O pátio das Case Study Houses.....	22
2.2.7 O pátio na obra de Luís Barragán.....	24
3.0 O PÁTIO NO I.A.P.	26
3.1 ESTUDO DAS CASAS COM PÁTIO NO INQUÉRITO À ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL.....	26
3.2 ESTUDO DA ZONA 1 DO INQUÉRITO: MINHO.....	28
3.3 AS TIPOLOGIAS DAS CASAS TRADICIONAIS MINHOTAS.....	30
3.3.1 A habitação típica minhota.....	31
3.3.2 Exemplos de Complexos Agrícolas:.....	30
3.3.3. Exemplo da “casa - sequeiro “.....	34
3.3.4 Exemplos de elementos que definem um “espaço-pátio” na arquitetura tradicional minhota.....	35
4.0 O PÁTIO NA OBRA DE ÁLVARO SIZA.....	37

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO; ARQUITETURA PÓS-INQUÉRITO.....	37
4.2 A INFLUÊNCIA DE FERNANDO TÁVORA E DA CASA DE OFIR NA OBRA DE SIZA.	38
4.3 A CASA ALVES SANTOS E A CASA ALVES COSTA - AFINIDADES ENTRE SIZA VIEIRA E FERNANDO TÁVORA.....	40
4.4 O PÁTIO. ELEMENTO RECORRENTE NAS OBRAS DE SIZA.	42
4.6 CASAS COM PÁTIO NA CONTEMPORANEIDADE- ESTUDO DA CASA COM PÁTIO EM QUATRO CASAS DA OBRA DO ARQUITETO ÁLVARO SIZA.	45
4.6.1 <i>Casa Carneiro Melo, (1957)</i>	49
4.6.2 <i>Casa Manuel Magalhães, Porto (1968)</i>	51
4.6.3 <i>Casa Carlos Siza, Santo Tirso, (1978)</i>	54
4.6.4 <i>Casa Beires, Póvoa de Varzim (1973-1976)</i>	57
4.7 COMPARAÇÃO DAS CASAS-PÁTIO DE ÁLVARO SIZA COM AS CASAS-PÁTIO DA ARQUITETURA POPULAR.	60
5.0 CONCLUSÃO	62
6.0 BIBLIOGRAFIA GERAL.....	66

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Índice das figuras

Figura 1 - Perspetiva do interior dum pátio sumério. Fonte: CAPITEL, A. (2005).

Figura 2 - Planta da Casa colorida em Olinto (séc. IV a. C.) Fonte: SILVEIRA, Â., (1999). p.60

Figura 3 - Planta de Casa em Olinto (séc. V a. C.) Fonte: SILVEIRA, Â. (1999) p.60.

Figura 4 - Planta e isometria duma casa Etrusca ou típica *Domus* Romana. Fonte: RAVETLAT, Pere Joan (1993) p.3

Figura 5- Pátio árabe, da Casa do Alentejo, Lisboa. Fonte: 12H30 Blogspot (Disponível na internet).

Figura 6- Interior do pavilhão Geppa da Vila Imperial Katsura. Fonte: FRANCA, Raphael Azevedo, (2007) (Disponível na internet)

Figura 7 - Desenho perspetiva do Ryoan-Ji. Fonte: Asia Welcome (disponível na internet).

Figura 8 - Vista do Palácio de Katsura. Fonte: (Revista DPA13, (1999))

Figura 9 - Planta casa *Am Horn*, em Weimar 1923-26 Fonte: MACINTOSH, D. (1973).

Figura 10 - Vista da casa White O Toyo Ito, 2009 Fonte: VMSPACE (disponível na internet)

Figura 11- Toyo Ito, White U, 1976 Fonte: VMSPACE (disponível na internet).

Figura 12- Le Corbusier, perspetiva parcial das fachadas das *immueble villas*. Fonte: CAPITEL, A. (2005)

Figura 13 - Le Corbusier - *Villa Savoie* em Poissy, (1928-31) Fonte: Macintosh. D. (1973).

Figura 14 - Mies Van Der Rohe: Casa com três pátios, 1934 Fonte: ABALOS, Inâki. (2001)

Figura 15 -H. Haring ,Casa Pátio em " L". Fonte: MACINTOSH. D. (1973)

Figura 16- Adalberto Libera, Habitação em Tuscolano, Roma, 1952 Fonte: MACINTOSH. D. (1973)

Figura 17- Ludwig Hilberseimer. *Casa Pátio em L Tipo E*, 1931 Fonte: MACINTOSH. D. (1973)

Figura. 18- Ole Nørgaard - Casa-pátio em Albertslund - Dinamarca, 1963 Fonte: MACINTOSH. D. (1973)

Figura 19- Jorn Utzon, Planta de uma das casas e planta de conjunto das Kingo Houses, Jorn Utzon. Fonte: CAPITÉL, A. (2005)

Figura 20- Alvar Aalto, Planta Casa Muuratsalo. Fonte: CAPITEL, A. (2005)

Figura 21- Alvar Aalto, Planta da Villa Mairea. Fonte: CAPITEL, A. (2005)

Figura 22- H. H. Harris Planta da Casa Lowe, em Altadena, Califórnia, 1934. Fonte: MACINTOSH, Duncan. (1973)

Figura 23 - Rudolf Schindler, Planta Casa Schindler em Hollywood, Califórnia, 1921. Fonte: MACINTOSH, Duncan. (1973)

Figura 24 - Richard Neutra, "*casa do Deserto*" ou casa Kaufmann. Fonte: ArchDaily (Disponível na Internet)

Figura 25- Marcel Breuer, Casa Robinson .Williamstown, Massachusetts, 1946-1948. Fonte: MACINTOSH. D. (1973).

Figura 26- Phillipp Johnson , Planta da Rockefeller Guest House Fonte: Artnet (Disponível na Internet)

Figura 27- Phillipp Johnson , Vista do patio da Rockefeller Guest House a partir do quarto, Nova Iorque, 1942. Fonte: Artnet (disponível na internet)

Figura 28- Tadao Ando, Casa Azuma, Japão 1976. Fonte: Process Architecture (1981)

Figura 29- Richard Neutra, Case Study House nº 6 , Casa Omega, 1945 Fonte: Arts & Architectures MAGAZINE , 6º serie (1945).

Figura 30- Rapson Casa Greenbelt, 1945 (nunca construído) . Fonte: Arts & Architectures MAGAZINE , 4º serie (1945).

Figura 31- Craig Ellwood , Case Study House nº 16 Clark House Fonte: Arts & Architectures MAGAZINE, 16º serie .

Figura 32- Charles and Ray Eames, Casa Eames, Pacific Palisades, Los Angeles 1945. Fonte: Arts & Architectures MAGAZINE, 8º serie .

Figura 33- Luis Barragán, Um dos pátios da Casa Gilardi Fonte: Barragan-foundation (Disponível na internet)

Figura 34- Luis Barragán, Terraço da casa Barragán. Fonte: Barragan-foundation (Disponível na internet)

Figura 35- Luís Barragán, Cuadra San Cristóbal Fonte: Barragan-foundation (Disponível na internet)

Figura 36- Luís Barragán, Pormenor da casa Barragán. Fonte: Barragan-foundation (Disponível na internet)

Figura 37- Zona 1 Região do Minho. Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004)

Figura 38- Panorâmica da Povoação; Distrito: Viana do Castelo; Concelho: Ponte da Barca; Localidade: Lindoso, 1955 Fonte: Arquivo do IARP OAPIX (Disponível na internet)

Figura 39- Parte do mapa tipológico da Região Minhota. Fonte: de AMARAL, [et al] (2004)

Figura 40- Casa em Calvelhe Concelho: Barcelos Freguesia: Creixomil Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004)

Figura 41 - Casa em Calvelhe Concelho: Barcelos Freguesia: Creixomil (planta da casa e anexos) Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004)

Figura 42- Casa do Balazar Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004)

Figura 43- Planta Complexo Agrícola com pátio, 1º piso. Guimarães, Balazar. Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004)

Figura 44- Quinta do Ribeiro. Distrito : Braga ; Freg.: Escudeiros; Localidade: Lugar do Ribeiro 1955 Fonte: Arquivo do IARP OAPIX (Disponível na internet)

Figura 45- Entrada na Quinta do Ribeiro. Fonte: Arquivo IARP OAPIX (Disponível na internet)

Figura 46 e 47 - Planta da Casa do Olival. Sem Escala. Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004).

Figura 48 - Casa Sequeiro. Casa do Olival; Sobreira Carapeços Fonte: de AMARAL, Francisco Keil [et al] (2004)

Figura 49 - Casa com Quintal murado. Braga, Póvoa de Lanhoso, Travassos. 1955. Fonte: Arquivo IARP OAPIX (Disponível na internet).

Figura 50- Entrada para o Quinteiro. Residência do Pároco. Braga, Póvoa de Lanhoso; Rendujinho. 1955. Fonte: Arquivo do IARP OAPIX (Disponível na internet).

Figura 51- Quinta do Vale, Casa com alpendre. Braga, Póvoa de Lanhoso, Garfe. 1955. Fonte: Arquivo do IARP OAPIX (Disponível na internet).

Figura 52 - Cobertão e pátio 1955 Quinta do Ribeiro. Fonte: Arquivo IARP OAPIX (Disponível na internet).

Figura 53- Pormenor de fachada de casa. Braga, Póvoa de Lanhoso, Travassos. Lugar da Correira de Cima. Fonte: Arquivo IARP OAPIX (Disponível na internet).

Figura 54- Conjunto agrícola com pátio interior e varanda circundante, saliente em estrutura de madeira. Braga. Póvoa do Lanhoso. Covas, 1955. Fonte: Arquivo IARP OAPIX (Disponível na internet).

Figura 55 - Fernando Távora, Casa em Ofir 1956-1958. Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, (2005)

Figura 56 - Fernando Távora. Casa de Ofir, Interior da Sala de Jantar. Fonte: TRIGUEIROS, Luís [et al] “ *Fernando Távora*”

Fig.57 - Fernando Távora. Casa Ofir, Vista através do interior do pátio relvado com taça. Fonte: TRIGUEIROS, Luís [et al] “ *Fernando Távora*”

Fig.58- Fernando Távora com Álvaro Siza em Matosinhos, 1961. Fonte: TRIGUEIROS, Luís [et al] “ *Fernando Távora*” Editorial Blau Lisboa p. 36

Fig. 59- Álvaro Siza Vieira. Casa Alves Santos. Póvoa de Varzim (1964-1970), Vista do Pátio. Fonte: CIANCHETTA &MOLTENI (2005)

Figura 60 - Álvaro Siza Vieira. Casa Alves Costa. Moledo (1964-1968), Vista do Pátio. Fonte: CIANCHETTA &MOLTENI (2005).

Figura 61- Planta casa Alves Costa. (1964-1968) Moledo, Sem escala. Fonte: CIANCHETTA &MOLTENI (2005)

Figura 62 Planta do 1º piso e 2º Piso da Casa Alves Santos. Póvoa de Varzim. Sem Escala. Fonte: CIANCHETTA &MOLTENI (2005)

Figura 63 Perspetiva do Pavilhão Carlos Ramos. Fonte: ArchDaily (Disponível na internet)

Figura 64 Planta Pavilhão Carlos Ramos. Escola de Arquitetura do Porto. (1986) Sem Escala. Fonte: BLOGSPOT ARKITEKTOS (Disponível na Internet)

Figura 65 Entrada da Igreja de Marco de Canaveses. 1998 Fonte: SIZA, Álvaro & HIJINO, Nuno; 2001.

Figura 66 Museu de Arte Contemporânea da Fundação Serralves, Porto. Fonte: SIZA, & HIJINO, 2001.

Figura 67 e 68- Centro Galego de Arte Contemporânea. Santiago de Compostela
Fonte: (SIZA, Álvaro & HIJINO, Nuno (2001)

Figura 69- Maquete da casa Júlio Gesta- Álvaro Siza. Fonte: UNBUILTFORM (Disponível na Internet).

Figura 70- Corte AB da casa Júlio Gesta Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005) p.14.

Figura 71 -Vista do Pátio, Casa Carneiro Melo. Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005)

Figura 72 - Planta Casa Carneiro Melo. Sem Escala. Fonte: Cianchetta & Molteni (2005)

Figura 73 - Fachada Principal da casa Manuel Magalhães. Álvaro Siza, Avenida da Boavista Porto Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005)

Figura 74- Planta da casa Manuel Magalhães. Sem Escala. Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005)

Figura 75- Fachada da Casa Carlos Siza Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005)

Figura 76- Planta Casa Carlos Siza. Sem Escala. Fonte: CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005).

Figura 77 e 78 - Duas Perspetivas do pátio trapezoidal da Casa Carlos Siza. CIANCHETTA, Alessandra & MOLTENI, Enrico (2005).

Figura 79- Bow-Window no Alçado Sudeste Fonte: CIANCHETTA & MOLTENI, (2005).

Figura 80 e 81 - Semelhança entre a Planta do Castro do Monte Padrão, em Santo Tirso, extraído de Arquitetura Popular em Portugal, (em cima) e a planta da Casa Carlos Siza (em baixo). Fonte: FLECK, Brigitte (1999).

Fig. 82 El Lissitzky *"Bata as claras com Red Wedge"* Litografia, 1920.Fonte: (Disponível na internet)

Figura 83- Vista frontal do Pátio, Casa Beires. Fonte: CIANCHETTA & MOLTENI, (2005)

Figura 84 e 85 Planta do piso 1 e do piso 2 da casa Beires. Sem Escala. Fonte: CIANCHETTA & MOLTENI (2005).

Figura 86 - Perspetiva do pátio da casa Beires. Sem Escala. Fonte:

Figura 85- Interior da Sala da Maison de Verre, Casa de Vidro de Pierre Chareau. Fonte: TAYLOR (1998).

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Figuras 86 e 87- Acesso lateral ao pátio. Comparação casa do Couvido e casa Manuel Magalhães. Fonte: Arquivo do IARP OAPIX (Disponível na internet) e CIANCHETTA & MOLTENI (2005) respetivamente.

Figuras 88 e 89- Perspetiva da entrada lateral com acesso ao pátio. Casa do pároco (1955) Fonte: Arquivo do I.A.P. ; Acesso ao quinteiro e casa Manuel Magalhães, Álvaro Siza (1976) Fonte: CIANCHETTA & MOLTENI (2005).

Figura 90 - Fachada com alpendre (1955). Fonte: Arquivo IARP OAPIX (Disponível na internet)

Figura 91- Álvaro Siza Vieira Casa Alves Santos. Perspetiva do alpendre. Fonte: CIANCHETTA & MOLTENI (2005)

Figuras 92 e 93 - Pormenor da caixilharia da casa Manuel Magalhães. Fonte: CIANCHETTA & MOLTENI (2005) Pormenor de caixilharia de fachada de casa. Braga, Póvoa de Lanhoso, Travassos, Lugar da Correira de Cima. Fonte: Arquivo do IAP respetivamente.

Figuras 94 e 95 - Fachada com varanda envidraçada e pormenor de caixilharia da casa Beires.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Lista de Acrónimos

GRP	Gabinete de Relações Públicas
UBI	Universidade da Beira Interior
IAP	Inquérito à Arquitetura Popular

Introdução

Objeto de Estudo

A escolha deste tema partiu da convicção de que o estudo do passado arquitetónico português traz referências históricas e culturais úteis para a interpretação e conceção morfo-tipológica de trabalhos de arquitetura atuais.

Na nossa opinião, a arquitetura popular é uma componente definidora da cultura de um povo e neste sentido, afigura-se-nos essencial compreender a raiz popular da cultura arquitetónica, em particular, a descoberta e o significado de permanência das memórias e das tradições da cultura duma comunidade em particular.

O estudo e a divulgação do tradicional pátio, torna-se necessário no sentido da preservação do património, da preservação duma identidade local e pelo respeito da história duma região, que deve representar uma referência para a arquitetura contemporânea e as comunidades do futuro, tendo como premissa, à partida, o desenvolvimento económico e social da comunidade.

O pátio foi escolhido para desenvolvimento deste estudo, pela sua característica de unidade estruturadora da habitação e elemento de transição interior/exterior polivalente, palco de inúmeras tarefas do quotidiano. A dissertação apenas abordará o estudo do pátio unifamiliar privado, apesar de existirem diversos tipos de pátios, como o pátio comunitário, ou os claustros que são também de grande interesse.

Iniciamos o estudo com uma brevíssima retrospectiva do pátio na antiguidade, partindo da civilização suméria e avançando ao longo da História pela antiguidade clássica, pela casa pátio islâmica e compreendendo a perspetiva japonesa de pátio. Em continuação são descritos alguns exemplos da casa- pátio do período moderno e respetiva interpretação pelos mestres modernos, entre eles: Le Corbusier, Alvar Aalto, Mies van der Rohe, Luis Barragán.

Neste trabalho, abordaremos o tema da casa-pátio da arquitetura popular na Zona 1 do Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal: “A região Minhota” e finalizaremos o estudo com as casas-pátio do arquiteto Álvaro Siza, que muito construiu a norte, sendo esta tipologia especificada em 4 casos de estudo da sua obra: casa Carlos Siza; casa Manuel Magalhães; casa Beires; casa Carneiro Melo.

Posteriormente serão relacionadas as supracitadas obras com as tradicionais construções da região minhota de forma a encontrar pontes entre as habitações tradicionais e as casas com pátio portuguesas do período pós-inquérito.

Este trabalho servirá para compreender a importância do pátio, não apenas um elemento organizador do espaço, verificando que este é um espaço importante na dinâmica da

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

habitação familiar mas também como método de projeto por parte dos arquitetos contemporâneos.

Enquadramento do pátio

Definição de pátio

“Pátio, s. m (de um derivado do latim patere, estar aberto) Espaço cercado de muros ou de casas de habitação e anexo a um edifício. Recinto descoberto no interior de um edifício. Vestíbulo, átrio, saguão espaçoso.” (LELLO & Irmão, 1992, p.481)

O pátio é um espaço privado e descoberto, de maior ou menor área, limitado por paredes, muros ou vegetação, pertencente ao edifício, podendo tomar diversas formas e ser pavimentado ou não pavimentado. É também um espaço que proporciona ventilação e luminosidade natural às divisões que dele desfrutam.

É um espaço de transição entre interior e exterior que se pode situar como entrada duma casa, em posição centralizada em relação a esta, ou junto aos limites do seu lote, como logradouro. Quando o pátio ocupa uma posição central na habitação denominamo-lo de átrio; se aparecer como espaço privado no interior dum mosteiro ou convento totalmente limitado denominamo-lo de claustro; eira, se este for um espaço de trabalho; adro, quando antecede uma igreja; terraço, se localizado num andar superior ao piso térreo.

Poderemos avaliar o pátio como: espaço de transição ou passagem; espaço de trabalho; espaço de recolhimento e meditação, e como saguão, *tubo* de luz e de ar.

A escolha pelo estudo deste tipo de espaço não se deve apenas ao interesse que ele suscita pelas suas configurações, estrutura ou funcionalidade, mas também e sobretudo pelo facto de podermos considerar o pátio enquanto *lugar*.

Distinguímos então, “*espaço*” de “*lugar*”, tomando como pressuposto que o *lugar* alude à vivência do espaço, à memória e às emoções que o espaço (o material, o objeto palpável) arquitetónico proporciona.

O estudo do *lugar* arquitetónico visa compreender o que existe para lá da estrutura da obra, quer explorar não apenas a materialidade, (cores, texturas, cheiros, luminosidades, sons, temperaturas), mas a vivência do *objeto*, através da observação da interioridade das coisas, as imperfeições da obra arquitetónica e suas particularidades, a História e a memória de cada edifício.

Nesta dissertação, consideramos o *pátio*, como um recinto fechado a céu aberto, com a particularidade de “estar” a descoberto e pertencente à habitação.

Origem das casas com pátio

Neste capítulo começamos por fazer uma brevíssima referência à origem da casa-pátio e teremos em consideração apenas alguns exemplos, uma vez que seria de todo impossível tratar, com extensão, o conceito da casa pátio na Antiguidade.

Através duma pequena amostra da história da habitação, objetivamos a aproximação particular ao tema do pátio como lugar na moradia familiar.

Os exemplos que escolhemos, Casa Suméria; Casa Grega; Domus Romana; Casa islâmica e Casa Japonesa, ajudar-nos-ão a compreender a origem da arquitetura dos exemplos dos capítulos que se sucedem. Assim poderemos correlacionar a estrutura das habitações tradicionais antigas com as habitações tradicionais e modernas do século XIX e XX.

O pátio surge na maioria dos edifícios como centro, origem. Um espaço organizador, que ordena, relacionando de forma inteligente as diferentes partes da habitação. Aglutina ou separa; desenha a forma; age como controlador climático da luz e do vento; surge como jardim florido ou sala ao ar livre, plataforma polivalente que se estende da casa ou para a casa. Espaço de transição horizontal ou abertura infinita na vertical, como zona de receção, de trabalho ou como lugar de meditação. O pátio nunca é um espaço vulgar.

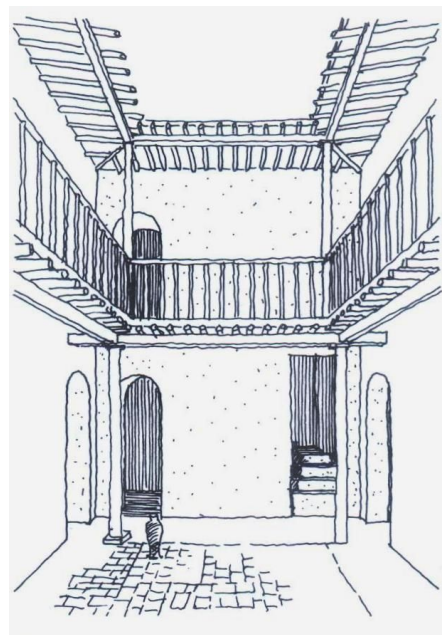
Nas malhas urbanas antigas com grande densidade construtiva, em alguns casos definidas pela estrutura *hipodâmica*, em cidades de origem romana, em cidades de herança muçulmana, como ainda podemos ver no sul de Portugal, a tipologia de casa com pátio é utilizada por ser seguramente viável do ponto de vista do ordenamento territorial.

A grande densidade populacional sujeita as ruas a serem estreitas, o estreitamento das ruas conduz à diminuição da área das habitações e conseqüentemente a uma iluminação e ventilação menos funcionais, levando as casas a abrirem-se ocasionalmente para o exterior em forma de pátio.

Este espaço vem equilibrar as estruturas criando uma zona protegida, aberta à luz e ao ar, possibilitando o acesso a várias divisões. As curiosas implicações culturais do pátio são tão importantes quanto a funcionalidade que lhe corresponde, como veremos adiante.

Antiguidade: a Casa Suméria

A primeira “*habitação humanizada*”¹ aparece inicialmente, segundo Norbert Schoenauer, sob a forma tipológica de casa com pátio, em meio urbano, nas civilizações localizadas nos vales da Mesopotâmia². Segundo Amar Hamdani, a Casa Mesopotâmia ou Suméria, era na sua origem uma cabana circular semelhante às cabanas de outros povos ancestrais espalhados por todos os continentes. Norbert Schoenauer, concorda também com a origem circular do protótipo da casa com pátio, acrescentando ainda, esta ser a “*expressão mais simples dum espaço fechado a descoberto para guarda dos alimentos dos povos primitivos*” (SCHOENAUER, 1981, p.96)



A característica principal da casa Suméria é o “*espaço central aberto*” (SCHOENAUER, 1981, p. 97), elemento comum a todas as divisões, característico das habitações pertencentes a sociedades que dependiam sobretudo da exploração agrícola. (SCHOENAUER 1981, p. 97).

Mais tarde, o surgimento dos tijolos, proporcionou a descoberta duma nova técnica de construção permitindo edificar habitações mais sólidas e também mais complexas, e não apenas circulares, dando origem na primeira metade do IV milénio, ao desenvolvimento da “*casa quadrada ou retangular, quando a construção se generalizou com a prosperidade.*” (HAMDANI, 1979, p. 23)

O princípio estrutural organizador é muito simples, como nos mostra Hamdani, quando descreve a planta da casa Suméria: “Do plano, constam invariavelmente estes elementos, um espaço livre quadrado ou retangular que é o pátio que ocupa o centro da construção; à sua volta os quartos abrem-se para o pátio por várias portas.” (HAMDANI, 1979 p. 24).

Esta habitação modesta constituía uma unidade relativamente autónoma para as necessidades dos habitantes mesopotâmios e apresenta-se com as seguintes características:

¹ “*Habitação humanizada*”; (COELHO, 2009) Com habitação humanizada queremos neste contexto sugerir: habitação confortável e digna para usufruto do ser humano.

² Mesopotâmia; “*Região da ásia ocidental: estende-se para sul das montanhas do Curdistão até ao golfo Pérsico. Abrange grande parte das bacias dos rios tigre e Eufrates. (...) Esta região, graças à abundância de água e consequentes obras hidráulicas, oferece desde remotos tempos, boas condições para a agricultura.*” (CONSTANCIA, J. Medeiros Vol. 13; p. 432.)

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Uma única abertura - Uma única abertura para todo o conjunto comunica com a rua: a porta de entrada;

Paredes caiadas - As paredes interiores e exteriores da casa eram embranquecidas com cal;

Forno e Poço - Existência de um forno para a cozinha e de um poço escavado, numa das extremidades deste espaço, assegurando o aprovisionamento de água.

Piso superior - Por vezes as habitações mais sofisticadas tinham um piso superior ao qual se teria acesso por uma escada situada no pátio e *“os quartos acima recebem luz por uma espécie de balcão em forma de tejadilho, inclinado sobre o pátio, coroando-o.”* (HAMDANI, 1979, p.25) ;

Cobertura plana - A cobertura suméria era plana, em forma de terraço.

Este tipo de construção com origem no Oriente, há sensivelmente seis mil anos, foi de acordo com Hamdani, o protótipo da casa contemporânea, cujo sucesso assenta em quatro fatores descritos por Norbert Shoenuer:

A consideração psico - social: trata-se de uma habitação introvertida que permite às famílias protegerem os seus bens materiais e realizar em maior segurança e intimidade as suas atividades quotidianas.

Densidade residencial: Esta tipologia habitacional permitia edificar lotes residenciais mais densos. A casa com pátio apresenta uma solução viável para zonas de elevada densidade residencial na civilização Suméria, em que os aglomerados habitacionais estavam confinados a uma fortificação: *“dentro do forte, os terrenos são muito valorizadas e procurados, desta forma as dimensões das parcelas tornam-se muito pequenas por estarem concentradas. A casa-pátio surge como unidade habitacional vantajosa, para as famílias sumérias, pois o seu vazio interior permite o arejamento e iluminação das pequenas divisões, voltadas para o interior da casa, que apresenta uma fachada simples fechada de terra ou argila seca como proteção em relação à rua. (...) As casas com pátio, modestas e funcionais são uma lição de urbanismo ao nível do bairro”*. (SHOENAUER, 1983, p.98)

Melhoria das condições climáticas dentro das habitações: Numa região de clima árido com temperaturas quase sempre elevadas, a incorporação de um espaço a descoberto dentro da habitação só trazia vantagens na medida em que se podia incorporar vegetação ou água criando um microclima dentro de casa.

A conotação religiosa: *“O jardim ou pátio interior correspondia à imagem que o homem tem do paraíso, ou oásis no deserto. As suas dimensões laterais estavam definidas mas a sua terceira dimensão, a sua altura, era infinita”* (SHOENAUER, 1983, pp. 98-99).

A estrutura da casa Suméria serve de base ao desenvolvimento das habitações nas civilizações que se seguiram durante o período da Antiguidade, e que mais ou menos sofisticadas, mantêm como origem, o mesmo espaço livre, o pátio, aglutinador de todas as outras divisões.

Podemos encontrar semelhanças, entre as casas com pátio, portuguesas, tradicionais ou contemporâneas, e as casas-pátio helénicas ou romanas, ou as casas árabes de origem islâmica, e em algumas regiões até geograficamente distantes, como a casa-pátio japonesa.

Antiguidade Clássica: do Período Helénico ao Império Romano

1.4.1 A casa grega

“ (...) A casa Grega com peristilo, com o seu pátio ajardinado é o protótipo clássico do processo evolutivo da casa com pátio.” (SCHOENAUER, 1981, p. 97)

No período *Helénico*, época que se sucede ao *Oriente Antigo*, as zonas residenciais são caracterizadas por um crescimento orgânico acelerado da cidade. A conceção do plano *hipodâmico*, plano urbano de malha ortogonal, no qual se cruzam ângulos retos que definem quarteirões regulares de tamanho igual, veio transformar os distritos residenciais, permitindo uma melhor organização das cidades-estado e conseqüentemente uma evolução positiva no modo de habitar da sociedade.

Os gregos mantiveram as características simples, com um modelo de casa-pátio semelhante ao protótipo da casa Mesopotâmica, porém maior e mais adornado, devido a um nível maior de sofisticação desta sociedade relativamente ao povo Sumério.

O pátio, surge na arquitetura helénica, não só nas pequenas habitações familiares, como também nos edifícios de grande dimensão, tal como o palácio de Cnossos em Creta. Aqui ele é um espaço centralizado, de forma a proteger os interiores, numa época de instabilidade, em que a paz e a guerra se fazem sentir simultaneamente.

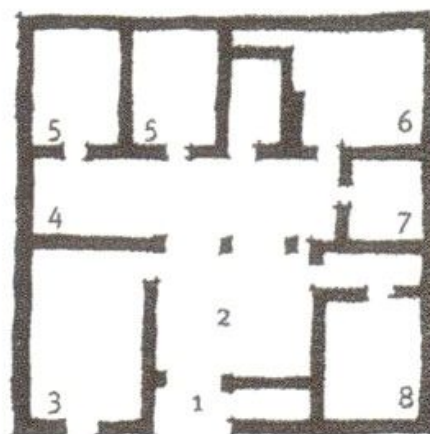


Fig. 2 Planta da Casa colorida em Olinto (séc. IV a. C.).

1.vestíbulo; 2.pátio; 3.andronitides;
4.pórtico;5.gynaecônitos;6.sanitários
/cozinha;7.Escritório; 8. Audiências.

Do desenvolvimento da arquitetura, nasce o conceito de *megaron*³, herdado da cultura Micénica. A evolução deste elemento traduz-se na disposição de colunas à volta de toda a área interior, a descoberto do edifício. Desta forma surge o conceito de *peristilo*. Um *peristilo* assemelha-se a um corredor coberto e circundante, aberto lateralmente através de uma ou

mais fiadas de colunas, característica típica dos templos gregos. Apesar de este espaço ser um elemento comum nas casas helénicas, existem exemplos de habitações gregas com pátios internos mais simples como é o caso da "Casa Colorida" em *Olynthos*. (Fig.2).

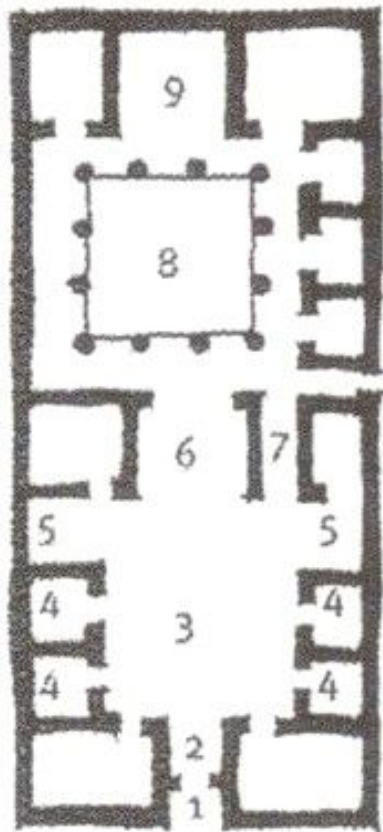


Fig. 3 - Planta de Casa em Olinto (séc. V a. C.)

- 1. pórtico
- 2. átrio
- 3. pátio
- 8. peristilo

Segundo Schoenauer (1981, p.98) a "Casa Colorida", é um dos poucos exemplos em que a entrada é feita diretamente para o pátio. A partir dele é possível aceder aos principais setores do espaço doméstico. É possível delimitar o espaço da casa por divisões funcionais de acordo com a altura do dia. À direita do pátio, encontra-se a zona privada da habitação destinada aos donos da casa. À esquerda do pátio, encontra-se as zonas de maior dinâmica e utilização diurna.

É de salientar que nas casas gregas, o espaço era habitualmente dividido por áreas, diferenciando a secção destinada à vida familiar - *gynaeconits*, da secção destinada à receção de visitas por parte do dono da casa - *andronitides*, o espaço do homem, neste caso localizado imediatamente à direita da entrada.

Numa outra habitação, constituída por um pátio com *peristilo*, (Fig.3) a entrada é feita diretamente para o pátio, através dum pórtico e do átrio, sendo estes os únicos espaços de mediação entre interior e exterior. Tal como na casa em *Olynthos*, o espaço central da habitação é definido pelo pátio que dá acesso a todas as outras zonas da moradia.

1.4.2 A casa-pátio de Roma

Foram vários os costumes helénicos adquiridos por Roma aquando da formação da sua sociedade. Grande parte da organização social romana, as ideologias políticas, filosóficas e

³ *megaron*. Grande sala retangular, existente nos antigos palácios micénicos, caracterizada por estar rodeada de colunas e possuir uma lareira mais ou menos centralizada.

educacionais aconteceram por mimetismo e proximidade com a anterior cultura helénica. Esta aculturação pode verificar-se no pensamento religioso, onde a mitologia romana apresenta fortes afinidades com a mitologia grega. A arte e a Arquitetura Romanas, nomeadamente a habitação unifamiliar, refletem também as semelhanças conceptuais entre estes dois povos.

“A casa típica Romana, *Domus*, deriva duma combinação da casa Etrusca com átrio e da casa Grega com peristilo.” (SHOENAUER, 1981, p. 136)

De acordo com Shoenuer, (1981, pag.136), o protótipo da habitação Etrusca era caracterizado por uma planta axial com um *hall* central com uma pequena claraboia. Esta abertura, que talvez fosse uma abertura para a saída de fumo é provável que se tenha desenvolvido e se tenha tornado eventualmente num átrio. (Fig.4)

Ao entrar numa *domus* temos invariavelmente o espaço de ligação entre o exterior e o interior que são as *fauces*, seguidos do *atrium* e do *impluvium*, local onde a água das chuvas, proveniente do telhado inclinado era recolhida.

Dependendo da dimensão e da estrutura da casa-pátio romana, temos o peristilo ou o *hortus*, que ligam ao *atrium* através duma sala de passagem que se denomina *tablinium*. (Fig.5) Os espaços à volta do *peristilo* ou do *hortus* são mais recolhidos e formam a parte mais privada dos aposentos da família.

A *domus* era a residência urbana das famílias abastadas da Roma Antiga. Pertenciam às famílias patrícias, proprietárias das habitações mais sumptuosas e também das casas da plebe, onde habitavam comerciantes e artesãos romanos.

A *domus* era geralmente uma casa de um só piso, maior e mais luxuosa do que a habitação grega, como nos relata Norbert Schoenuer: “Contrastando com a aparência exterior, o interior da *Domus* era habitualmente luxuoso. O chão era revestido de mármore ou de mosaicos padronizados, as paredes eram decoradas com frescos e as madeiras dos tetos eram frequentemente douradas.” (...) “Também os pátios eram adornados com fontes, estátuas vasos e outros elementos decorativos.” (1981, p.137).

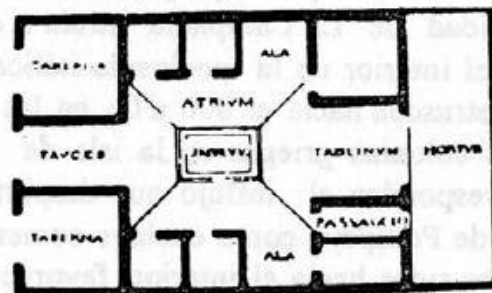
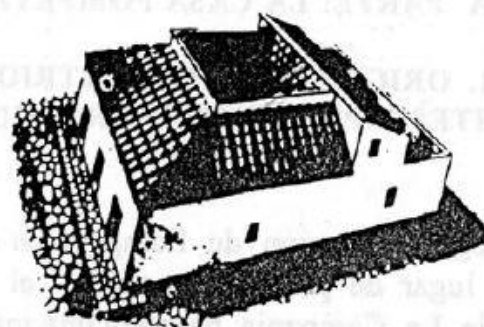


Fig. 4. Planta e isometria duma casa Etrusca ou típica *Domus* Romana.

- 1.fauces- entrada, passagem
- 2.tabernae; lojas
- 3.atrium; hall
- 4.impluvium; bacia de águas pluviais
- 5.tablinium; sala de passagem
- 6.hortus; jardim
- 7.triclinium; sala de jantar
- 8.alae; salas laterais
- 9.cubiculum: quartos

1.5 A casa- pátio Islâmica

“A casa islâmica apresenta-se como uma casa fechada em volta de um claustro. Com um jardim ou uma fonte ao centro numa evocação do éden.” (SILVEIRA,1999, p. 67)

A importância da tradição islâmica na História da arquitetura é imensa, particularmente na Península Ibérica. A influência da intervenção árabe na arquitetura de Portugal e Espanha é incontestável. Estas áreas colonizadas mantêm um legado que se propagou e influenciou os vários estilos arquitetónicos presentes nestes países.

Mais do que nas outras civilizações, na cultura árabe, a presença do pátio no interior das habitações tem um papel muito importante, no sentido em que vem dar conforto às famílias do ponto de vista da funcionalidade climática, como nos explica Silveira: (1999, p.68) *“ (...) a casa-pátio islâmica isola os seus habitantes do mundo exterior, não só do público mas também das condições climáticas extremas de altas temperaturas provocadas pela forte exposição solar e em alguns casos tempestades de areia”.*



Fig.5 Pátio árabe, da Casa do Alentejo, Lisboa.

À semelhança das casas gregas e das *domus* romanas, a moradia árabe era geralmente dividida por géneros, em duas zonas distintas pois *“as prescrições do Corão acerca da reclusão das mulheres e da importância da família corporizaram este tipo de casa-padrão (...)”* (SILVEIRA, 1999 p.67). Esta separação era acentuada pela existência de dois pátios, um para cada área: o *salamlík*, a zona mais pública da habitação onde eram recebidos os convidados, e o *haramlík* ou harém, a zona privada da casa com aposentos reservados às mulheres.

O pátio da casa muçulmana, é uma recriação do oásis dentro da habitação, conseguida por meio de fontes, repuxos, pequenos lagos e vegetação, como plantações ortogonais de citrinos, ou plantas em vasos, e comumente adornado com peristilo, de colunas trabalhadas e arcos árabes. (Fig.5).

1.6 A casa de origem Japonesa

Tanto a ideia de “pátio” como a de habitação, diferem substancialmente no Oriente e no Ocidente. O esquema da casa com átrio, construída a partir do princípio arquitetónico que é o vazio articulador entre os espaços, próprio das casas com pátio no ocidente, não acontece quando nos referimos às habitações nipónicas: *“A tipologia que inclui na sua massa construída*

um espaço livre que constitui o próprio centro do espaço doméstico ou comunidade, casa-pátio, adquire um novo significado se nos referimos a ela na cultura japonesa.” (PEDRAGOSA, 1997 p.16)

O estudo da habitação japonesa, revela-nos uma outra perspetiva sobre o pátio: “na antiga cultura japonesa, o espaço de transição entre o público e o privado é um espaço com um simbolismo especial, que conecta o mundo do ser humano com outras instâncias transcendentais” (PEDRAGOSA, 1997 p.17).

Um vínculo muito forte com a envolvente exterior e com os elementos naturais é evidente ao longo da história da arquitetura japonesa e reflete-se em exemplos emblemáticos como os jardins secos ou as residências de estilo *Sukiya*. “Na cultura tradicional japonesa, edifício e jardim são partes inseparáveis dum só conceito em que é tão importante o construído, como a natureza recriada.”

(PEDRAGOSA, 1997 p.) (Fig. 6).

No século XV, o Budismo Zen estabeleceu os chamados *jardins secos* como espaços anexos aos templos Budistas. O Ryoan - Ji (Quioto, 1459) é um exemplo destes pátios emblemáticos onde os monges permaneciam nos seus momentos de introspeção.

De acordo com Pedragosa (1997 p.17), estes jardins consistem num recinto retangular rodeado por dois lados: pelo corpo do edifício, através dum alpendre o *engawa*⁴ e nos outros lados por um muro com um pórtico. O pátio é coberto em toda a sua área por cascalho sulcado e contém 15 rochedos de diferentes tamanhos dispostos aleatoriamente, como: “ se de um mar petrificado e suas ilhas se tratasse” (PEDRAGOSA, 1997 p. 17).

O jardim seco é um lugar específico, com uma forte carga psicológica cujo isolamento proporciona a meditação. A intencionalidade introspetiva deste lugar continua a ser adotada pelos arquitetos



Fig.6 - Interior do pavilhão Geppa da Vila Imperial Katsura.

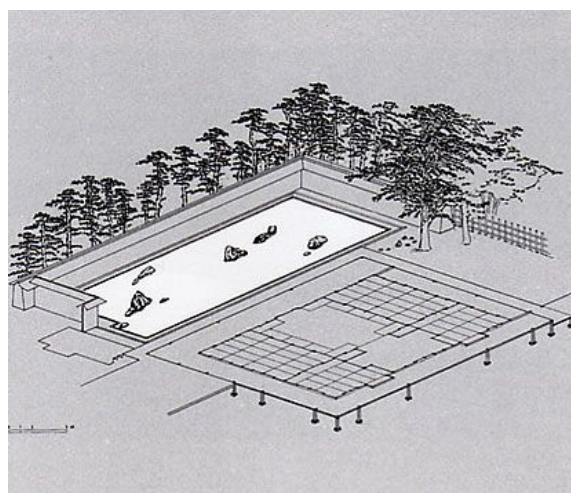


Fig.7 - Desenho perspectiva do Ryoan-Ji.

⁴ Engawa; “Engawa refere-se ao típico chão ripado de madeira, no exterior, localizado imediatamente antes das janelas e protetores de tempestades nas casas tradicionais Japonesas.”

modernos nas suas obras, transformando o pátio num espaço de quietude dentro da habitação.

Na cultura japonesa, a definição de “ casa-pátio” associada à imagem de vazio situado dentro dum volume compacto, não se justifica. Na tipologia conhecida por nós, na Europa, a relação entre os espaços (internos e externos) da habitação familiar tradicional com pátio opera segundo uma lógica bastante distinta da cultura Japonesa: “*Na Europa, o espaço interior domina o exterior, incluindo-o no seu volume, porém, no Oriente, é o lugar que subordina os volumes*”. (PEDRAGOSA, 1997 p.20)

Nas residências Sukiya, o jardim exterior funciona como cápsula protetora da casa: “Se no ocidente o edifício cobre o homem e o protege do perigo exterior, no Japão é o espaço exterior, a natureza recriada em jardim que protege e cobre o homem”. (PEDRAGOSA, 1997, p.20)

Basicamente habitacional, a *casa-sukiya* (século XVII e XVIII), consiste no desenvolvimento orgânico do edifício. Afastando-se da simetria, a sua composição espacial interior é ampla e livre, numa disposição contínua das comodidades, substituindo as previsíveis portas por painéis de correr que alteram o espaço consoante a sua colocação. Sem paredes de fachada fixas, as casas *sukiya*, estabelecem um tipo de relação entre o interior da habitação e o exterior, extremamente flexível e sem paralelo na cultura ocidental. Esta permeabilidade com



Fig.8 - Vista do Palácio de Katsura

origem e afinidade com a natureza circundante, é conseguida através de alpendres e de pórticos, que se integram com os painéis de correr e as plataformas móveis.

Aparentemente contínua, a casa é submersa num parque-jardim em que habitação e vegetação se fundem num todo. (PEDRAGOSA. 1997 p. 21)

A forma do jardim está intimamente ligada com a organização das dependências interiores, como explica Pedragosa (1997, p.21) “ uma casa Sukiya é um parque que contém todos os elementos da natureza, rio, lagos, ilhas, pontes, caminhos, entre as quais encaixa o edifício como qualquer outro elemento.”

As Casas com pátio na Arquitetura Modernista

O pátio não é apenas um elemento principal na história da arquitetura da antiguidade, mas desempenha um papel muito importante, também, como método de projeto na época moderna. O pátio é, em inúmeras habitações, a base de um sistema de composição, refletindo um modo de projetar tão universal quanto variado.

Através de alguns exemplos muito importantes e significativos, recolhidos de acordo com as investigações de Duncan Macintosh, Antón Capitel e Gunter, e Per Brauneck, examinaremos as características do pátio, reconhecendo-o como espaço óbvio de habitar e como método de projetar.

Tentámos fundir os conhecimentos adquiridos em *“The Modern Courtyard”* (1973) e *“La Arquitectura del patio”* (2005) com a categorização dos pátios modernos em *“Casas-Pátio”* de Gunter Pfeiffer e Per Brauneck, que os classificaram da seguinte forma: Pátio com jardim; casas com pátio comum; casas em L; grupo de casas em L; pátio fracionado e casa-átrio.

Deu-se continuidade a este estudo seguindo a ordem de pensamento na qual Macintosh desenvolveu a sua análise, escolhendo alguns projetos relevantes para reinterpretação do pátio na habitação familiar, em conjunto com o estudo das tipologias habitacionais de pátio que nos é trazida na obra de Pfeiffer e Brauneck

De acordo com a investigação de Duncan Macintosh, publicada em *The Modern Courtyard House* (1973), descobrimos que existiram três linhas principais de desenvolvimento para a casa-pátio moderna: a casa-pátio do norte da Europa, desenvolvida sem qualquer referência à arquitetura das antigas casas-pátio mediterrâneas; a casa-átrio, baseada apenas na casa *atrium* romana. E por último, a casa com pátio estado-unidense, tendo como referência as casas-pátio espanholas do revivalismo colonial espanhol no sul dos estados unidos (1895 -1930).

2.1. A casa-átrio moderna

A casa-átrio proporciona com simplicidade, uma ótima disposição do espaço em forma, tamanho e articulação. Alguns exemplos do início do século XX, dispunham desta opção, como a *“casa-átrio Am Horn”*, da autoria de George Muehe, uma casa experimental, construída em 1923 para a exposição da Bauhaus, pelo que os espaços periféricos estavam interligados entre si e a circulação acontecia através do elemento central, onde o pátio, também cumpria as funções de sala de estar, iluminada por claraboias com cobertura de vidro.

Em contrapartida, as casas-átrio (*“White U”*; *“White O”*, de 1976 e 2009, respetivamente) projetadas por Toyo Ito são reflexo da modernidade que se ajusta aos modos

de vida do mundo contemporâneo. As necessidades habitacionais, aliadas a uma nova materialidade criam uma linguagem surpreendente bem ilustrada pelo exemplo apresentado (Fig. 9).



Fig.9- Planta casa *Am Horn*, em Weimar 1923-26

Estruturalmente menos dinâmicas, as casas modernas dos anos vinte do século XX, apresentam divisões compartimentadas, ortogonalmente bem definidas, de articulação rígida que já não encontramos nas casas com pátio do final do século XX e início do século XXI. Da autoria de Toyo Ito, observamos a sua interpretação deste arquétipo antigo. Ambas as casas citadas são casas-átrio em que as divisões se movem num percurso cinematográfico circular, em redor do pátio único, cuja objetiva aponta constantemente para o mesmo ponto, o centro gerador da habitação.

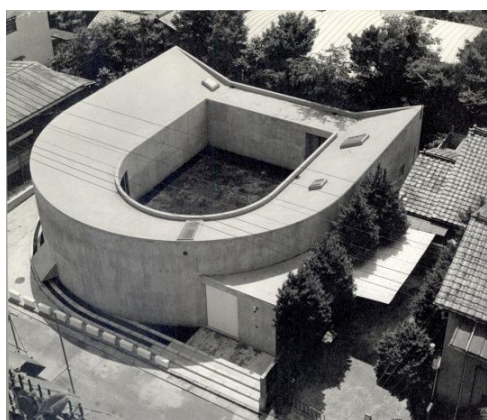


Fig. 10- Toyo Ito, *White U*, 1976



Fig. 11- Vista da casa *White O* Toyo Ito, 2009

Perante a mesma tipologia habitacional, assistimos então a uma evolução na linguagem, no conceito e na forma visível ao longo do século XX. O tipo de casa-pátio moderna é adaptável a uma multiplicidade de circunstâncias geográficas e sociais, razão pela qual é alvo da exploração teórica e projetual por parte de tantos arquitetos de renome internacional ao longo do período que neste capítulo, definimos como moderno.

2.2. O pátio e os mestres modernos

2.2.1. Le Corbusier

Le Corbusier inicia a agregação volumétrica em altura da casa-pátio, transgredindo a sua condição essencial de ligação vertical ao céu, quando em 1922, realiza o desenho dos *immeubles-villas*, concebendo unidades de habitação coletiva que se dispõem em dois pisos e que integram um pátio que se abre apenas sobre a fachada, devido à impossibilidade de abertura zenital. (Fig.12)

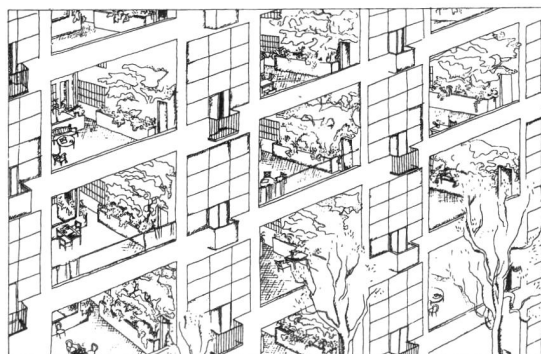


Fig. 12 Le Corbusier, perspetiva parcial das fachadas das *immeuble villas*.

Na Villa Savoye (Poissy França 1928-1929) o volume da casa, um paralelepípedo que acolhe a casa em L, é elevado sobre *pilotis* tornando o terraço, que lhe pertence, numa parte interna da casa libertando-o do terreno. A continuidade com os espaços interiores e a delimitação do espaço, definida pelas paredes do próprio edifício, vem alterar o conceito de pátio, transformando-o num terraço, um átrio elevado sobre a paisagem.

Com esta obra, *Le Corbusier* propõe a ocupação dos últimos pisos dos edifícios com pátios ou terraços, substituindo assim a habitual cobertura em telhado. A reinvenção deste espaço no final dos anos vinte, transporta o pátio do solo para a parte superior do edifício, combinando de forma inteligente os cinco pontos do programa da casa Savoye.

O terraço-jardim torna-se um grande salão ao ar livre abrindo-se ao exterior através de janelas em banda, como se de uma divisão coberta da habitação se tratasse. (Fig.13).

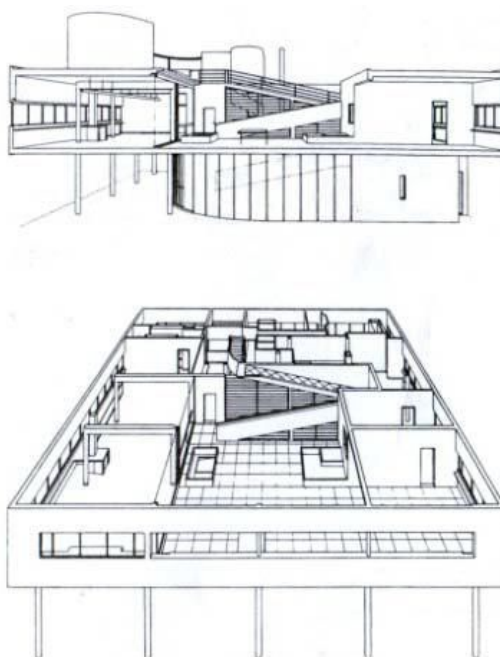


Fig. 13 Le Corbusier - *Villa Savoye*.

2.2.2. Mies van der Rohe

A partir dos anos trinta, do século XX, *Mies van der Rohe* distingue-se dos interesses do conjunto de arquitetos da sua época, tais como, *Hugo Haring, Hannes Meyer, Ludwig*

Hilberseimer, que desenvolveram em simultâneo, com *Mies*, entre 1931 e 1934, e na mesma cidade, tipologias de baixo custo e idênticas em todas as unidades propostas. *Mies* começa a elaborar projetos individualizados, inteiramente avessos à ideia de standardização da habitação, o grande paradigma da industrialização do pós-guerra, denotando uma busca filosófica no desenvolvimento do conjunto das suas casas-pátio projetadas entre 1931 e 1938.

A ideia de individualizar um sistema, operando com poucas variáveis ligadas entre si, é segundo Abalos (2005), uma questão importante na “Casa com três pátios” (1934), onde mais do que projeto, se trata de uma experiência teórica, que o arquiteto vai amadurecendo ao longo de vários anos. Esta casa em forma de T, dispõe-se transversalmente na parcela,

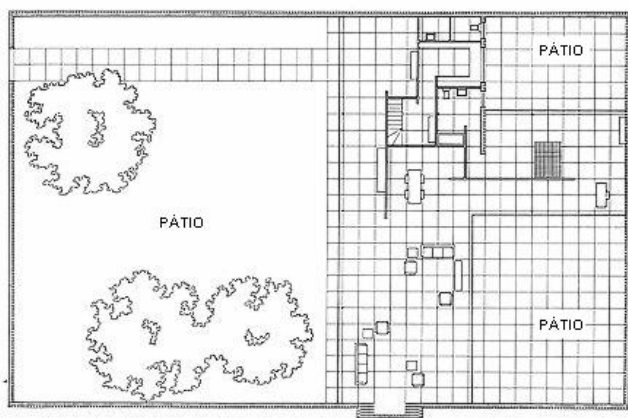


Fig.14 - Mies Van Der Rohe: Casa com três pátios, 1934

gerando três pátios: um principal e maior, através do qual se ingressa na casa, e dois pátios menores. A casa concretiza a visão de *Mies* para o que deveria ser a arquitetura da sua época: uma estrutura minimalista limitada à pele e ao esqueleto do edifício, com materiais que representariam os novos tempos, permitindo a definição de um espaço ordenado de forma clara,

simples, inteligível e fluida, com uma disposição que proporciona a liberdade de utilização. (Fig.14).

O programa da casa não é um programa clássico. A casa é concebida tendo como base um programa singular, que procura isolar o indivíduo. O interior, concebido para um único habitante, um “anacoreta”, possuía as condições essenciais a uma existência civilizada. No exterior, um muro perimetral, coloca em evidência, como refere Ináki Abalos (2003 p.26), a conceção de um interior absolutamente privado em relação ao espaço público, à rua e aos vizinhos, afastado de qualquer moral ou tradição e à margem de qualquer vigilância social.

Pere Joan Ravetllat (1997, pp. 24-25) estudou esta tipologia de casas-pátio e descobriu um paralelismo entre as casas-pátio de *Mies van der Rohe* e a organização das casas pompeianas. Os diferentes espaços da moderna “Casa com 3 pátios” determinam-se e qualificam-se através da sua inter-relação, tal como nas antigas casas romanas onde os espaços internos se definem a partir da relação que estabeleciam com o *atrium* e o peristilo.

2.2.3. Casas - Pátio em L.

Segundo Macintosh (1973), a habitação moderna com pátio em aglomerado urbano, tem origem no período do pós-guerra, na busca de uma nova forma de habitação unifamiliar urbana para a classe trabalhadora, e desenvolve-se a partir do movimento moderno da *Cidade Jardim*.

O surgimento das casas-pátio nórdicas em L, tem origem nas casas em banda, de apenas um piso. A altura mínima do edifício permite que o sol de baixa altitude de Inverno penetre na casa, e a disposição em L procura a exposição solar favorável, oferecendo alguma privacidade.

A primeira casa isolada em banda de Hugo Häring é reinterpretada na Bauhaus por Meyer e Hilberseimer, criadores da casa com pátio “em L”. Em 1928, Hugo Häring projecta a *LHouse* (não construída), na qual um volume paralelepípedo perpendicular à rua, comunica visualmente e em exclusivo com o pátio adjacente (Fig. 15). Deste modo é possível repetir o conjunto e garantir privacidade entre as várias unidades habitacionais.

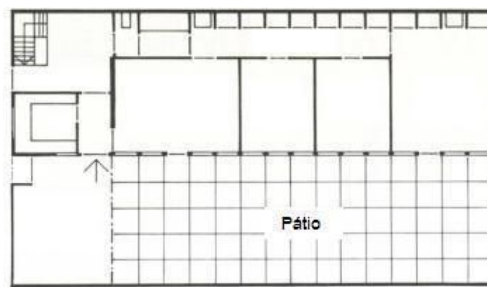


Fig. 15- Hugo Häring, Casa pátio em L, 1928 (não construída).

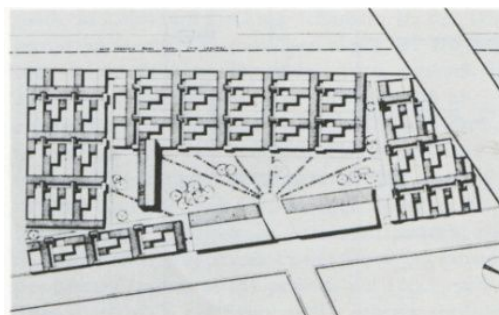


Fig. 16 - Adalberto Libera, Habitações em Tuscolano, Roma 1952.

A construção da casa com pátio no norte da Europa é desenvolvida através da exploração das densidades necessárias para que esta seja economicamente viável. Esta é a intenção de Hilberseimer, quando em 1931, separa as funções sociais e privadas em duas secções, tornando-se este o modelo desde então mais utilizado. Entre 1929 e 1932, são desenvolvidas quatro variantes básicas desta organização “em L”. Numa das variantes, a casa tipo E, aplica-se o conceito binuclear numa casa expansível com pátio, onde os serviços se concentram na interceção dos *braços da casa*, a que correspondem os quartos e as salas expansíveis.

A primeira urbanização a grande escala (126 unidades) de habitações unifamiliares “em L” com pátio a ser construída na Europa é projetada por Adalberto Libera (Fig. 16) e apresenta a possibilidade de variação do número de quartos.

O conceito de habitação “em L” em forma de

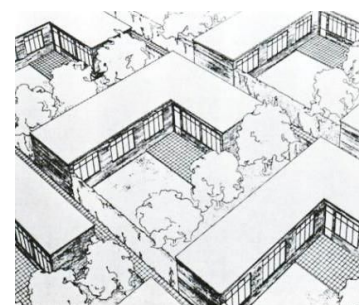
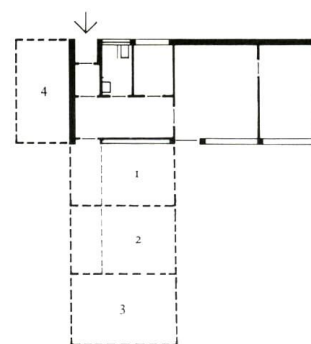


Fig.17 - Ludwig Hilberseimer, Casas em L Tipo E, 1931.

aglomerado de unidades de habitação com pátio, é desenvolvida por Häring, Meyer e Hilberseimer entre 1928 e 1931, sendo explorado a partir dos anos 60, na Escandinávia, Alemanha e Grã-Bretanha. (Fig.17).

Destes projetos, damos como exemplo a *Courtyard Housing* (1963) em Albertslund na Dinamarca, do arquitecto Ole Nørgaard (Fig. 18), com 986 unidades “em L”, e as *Kingo Houses* (1960) em Helsingor, Dinamarca, do arquiteto Jørn Utzon (Fig. 19). Com este último, as 63 unidades agrupam-se num terreno suavemente ondulado, permitindo o contacto directo com a natureza.

As casas em L favorecem a exploração de parcelas de terreno anexado à habitação unifamiliar, para usufruto dos recursos naturais disponíveis, como o desenvolvimento de agricultura.

As *Kingo Houses*, são um conjunto habitacional constituído por 63 casas em forma de L com base na tradição das quintas tradicionais dinamarquesas e de habitações chinesas e islâmicas com pátios centrais.

O conjunto habitacional também conhecido por *Romerhusesene*, que traduzido em português significa *Casa Romana*, propicia condições ótimas para iniciativas ecológicas (Fig. 19).

O projeto desenvolvido por Utzon é baseado numa abordagem aditiva de unidades, começando com apenas uma parcela, avançando sucessivamente, a partir da mesma.

Cada unidade habitacional tem uma área delimitada em dois lados pela casa em forma de L, e por muros sobre os outros dois lados. O pequeno tamanho das unidades torna-as facilmente adaptáveis ao terreno natural. O tamanho limitado da área privada é compensada pela existência de um grande espaço ajardinado comum.

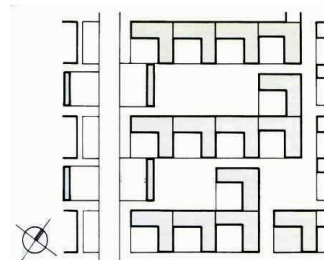


Fig. 18 - Ole Norggaard Albertslund, Dinamarca, 1963

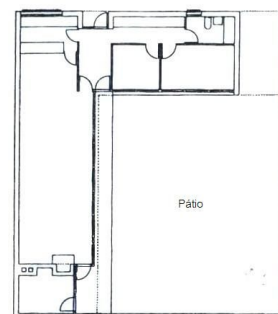


Fig.19 - Jorn Utzon, Planta duma unidade das Kingo Houses.

2.2.4. As casas pátio na arquitetura de Alvar Aalto.

Na “Casa Muuratsalo” Alvar Aalto. 1952 (Fig. 20), consideramos o pátio descentralizado como um átrio que funciona como espaço de receção da casa. O facto de ser encerrado pelas fachadas de limite do lote, uma delas com grande abertura ao exterior, e a forma irregular



Fig.20 Alvar Aalto, Planta Casa Muuratsalo.

de toda a habitação dificultam a categorização desta obra.

O átrio, cria uma entrada semiprivada direta para a sala em frente e para a zona dos quartos lateralmente. A circulação interior desenvolve-se paralelamente ao pátio através de corredores com ligação para este espaço através de portas. Ao centro, o átrio possui uma fonte de calor adquirindo este espaço um carácter ainda mais funcional.

O projeto experimental desta casa nórdica de verão, demonstra a grande versatilidade do pátio como elemento de conexão interior-exterior e como hall/jardim de receção, além de favorecer o conjunto do edifício, tornando-o esteticamente curioso e agradável.

Esta tipologia adquire uma infinidade de interpretações, que variam em contexto social económico ou cultural, de acordo com a visão mais vanguardista ou classicista do seu autor. Mais uma vez, a casa-átrio dá liberdade para que se possam criar diversas soluções em torno do mesmo arquétipo.

Do mesmo arquiteto, entendemos considerar a Villa Mairea (1937-1939), localizada em Noormarkku na Finlândia, como uma casa-pátio pela sua disposição em C. Villa Mairea é “*uma casa isolada e “extraordinariamente aberta, mas sem que chegue a perder a condição de casa-pátio.”* (CAPITEL, p.170).

O pátio é limitado por “*muros construídos, outros vegetais e umas árvores, que definem uma espécie de barreira, o filtro que configura os espaços abertos com limites que ajudam desta forma, a conformarem o espaço tanto aberto como fechado. (...)*” (CAPITEL, p.170) O volume construído habitável, propriamente dito forma um esquema em L, que se transforma em C, pelo prolongamento do alpendre que avança pelo terreno até se converter no teto da sauna exterior, junto à piscina.

(Fig.21).

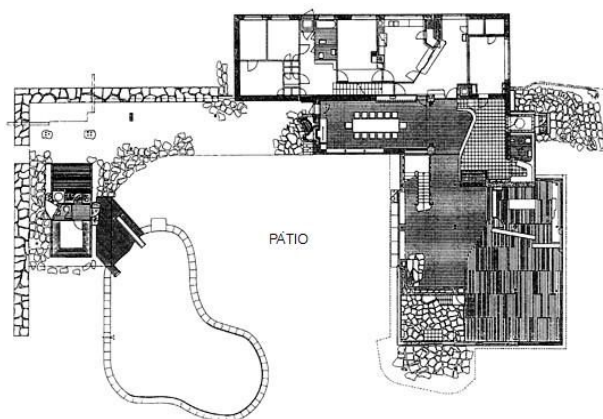


Fig.21 Alvar Aalto, Planta do jardim pátio da Villa Mairea, Noormarkku, Finlândia.

2.2.5. As casas com pátio e o princípio binuclear breuriano.

No início do século XX, surge na arquitetura dos Estados Unidos da América, a incorporação do pátio em dois tipos predominantes de soluções habitacionais: as habitações binucleares e as habitações lineares. Pela sua complexidade e procura de soluções mais criativas, seleccionámos para análise mais detalhada, o caso das “habitações binucleares”.

O termo binuclear é usado para identificar a organização espacial que separa os espaços funcionais privados de utilização noturna, dos espaços sociais de utilização diurna, em dois blocos.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

A ideia de pátios anexados e destinados a cada espaço funcional é materializada pela primeira vez por Harwell Hamilton Harris (1903-1990) no projeto da Casa Lowe (1934), apresentando um pátio associado à entrada e um pátio privativo para cada quarto. (Fig.22)

Estas habitações, assumem nesta época, grandes dimensões, devido ao poder económico dos clientes. Como exemplo podemos nomear duas obras de referência do modernismo arquitetónico estadunidense: a casa Schindler, projetada por Rudolf M Schindler (Fig. 23), e a Casa do Deserto, (Fig. 24) projetada por Richard Neutra. É de salientar que nas obras de Schindler (1887-1953) e Neutra (1892 - 1970), a palavra pátio é usada para identificar áreas com limites indefinidos adjacentes à casa, tal como terraços.

De acordo com Charles Martí (1997 p.48), a leitura que se faz acerca do princípio binuclear enunciado por Breuer, é frequentemente reductiva, limitando-o a uma mera questão organizativa. Para Martí, o conceito binuclear é um princípio arquitetónico, baseado na tensão espacial, ao provocar excisão a casa nos núcleos conectados por um vestíbulo, agindo também como uma ponte entre ambos, resolvendo o sistema de acesso. A rutura do volume em duas partes cria uma brecha através da qual, o espaço exterior penetra na casa atravessando-a virtualmente.

Esse espaço intermédio que se gera entre ambos núcleos, ao ficar parcialmente englobado pela construção, está na disposição de converter-se num pátio semiaberto.

Ao longo dos anos cinquenta, Breuer desenvolve uma interessante série de variações sobre os espaços que estão associados ao terraço e ao pátio. A importância que Breuer atribuiu à entrada dum casa associada a um pátio como episódio espacial é visível na casa Robinson (Fig.25).

A planta casa Robinson, apresenta dois volumes distintos em forma e tamanho. Um retângulo à direita da entrada, contem os três dormitórios e a garagem enquanto a outra figura, quadrada, à esquerda da entrada, compreende a zona dinâmica da casa. A área de acesso em U, tem a função recetiva dum espaço protegido.

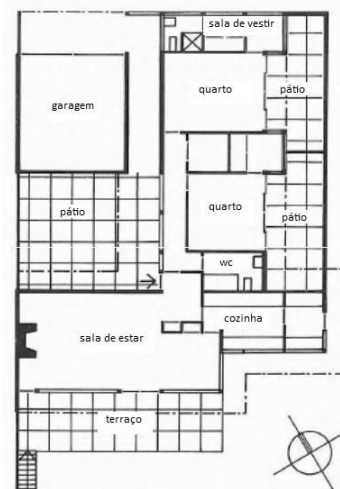


Fig. 22- H. H. Harris Planta da Casa Lowe, em Altadena, Califórnia, 1934



Fig. 23 Rudolf Schindler, Planta Casa Schindler em Hollywood, Califórnia, 1921.

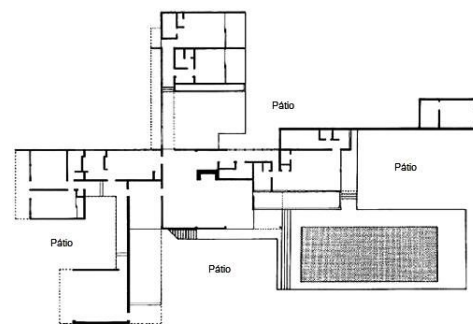


Fig.24 Richard Neutra, Planta da casa do Deserto ou casa Kaufmann. Palm Springs.

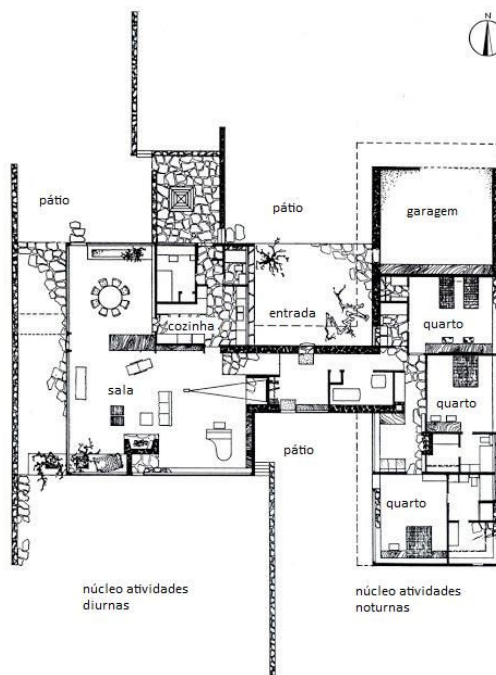


Fig. 25 Marcel Breuer, Casa Robinson. Williamstown, Massachusetts, 1946-1948.

Localizada em nova Iorque e desenhada por Phillip Johnson, aluno de Breuer em Harvard, a Rockefeller Guest House (1942) ilustra sem complexidade o conceito binuclear.

Com o objetivo de criar uma sala de reuniões e uma galeria, o arquiteto separa com grande contraste a zona privada da casa com as divisões de trabalho e lazer, da zona de utilização privada, através dum pátio a descoberto com um espelho de água,

Nesta casa, o arquiteto procurou recriar *uma natureza* dentro da habitação, conseguida numa relação harmoniosa entre os espaços interiores e o pátio, através de vários elementos, que parecem relembrar os jardins japoneses: A plataforma e o passadiço em pedra que *flutua* sobre o espelho de água, a árvore que *surge* do lago e a vegetação circundante. Esta habitação comprida não se assemelha às plantas em H de Breuer, no entanto a intencionalidade da divisão dos espaços está presente (Fig.27).



Fig. 26 e 27 Phillip Johnson, Planta e Vista do pátio da Rockefeller Guest House a partir do quarto, Nova Iorque, 1942.



A Casa Azuma, Sumiyoshi, (Osaka, 1975-1976) de Tadao Ando, segue o mesmo princípio, assemelhando-se em estrutura à casa de Phillip Johnson. Ambos apresentam uma planta retangular comprida e estreita e comportam dois volumes separados pelo pequeno pátio interno. Este edifício de pequenas dimensões, demonstra como o pátio se destaca como elemento fulcral na organização da habitação unifamiliar, estabelecendo uma relação harmoniosa entre um e o outro volume, numa planta que por se apresentar estreita, parece à partida condenar a circulação e limitar a interação dos diferentes espaços (Fig. 28).

2.2.6 Transformação dos padrões de vida: O pátio das *Case Study Houses*.

Projetadas e construídas nos Estados Unidos da América, entre os anos quarenta e os anos sessenta, as *Case Study Houses* são casas experimentais que serviram como estudo aos arquitetos intervenientes para a exploração de novos materiais e técnicas de construção.

O fim da segunda Grande Guerra Mundial e o consequente *boom* imobiliário nos Estados Unidos, faz surgir por parte da revista *Arts & Architecture* a iniciativa para a construção de modelos habitacionais baratos e eficientes. No desenvolvimento destas casas, está presente a busca da habitação ideal que corresponda aos novos padrões de vida. Desta forma, as *Case Study Houses* caracterizam-se pela sua construção inovadora e funcionalidade surpreendentes. Uma característica das casas do programa, parece ser a aparente leveza das construções e fluidez das plantas; a utilização de materiais sensíveis e elegantes afastando-se do convencionalismo; o prolongamento dos espaços ao exterior através de largos envidraçados e a presença de pátios e jardins pertencentes às habitações.

Apesar de alguns projetos não se terem materializado, a intenção da iniciativa ao se debruçar sobre a cultura moderna estado-unidense, transporta a reflexão, a interpretação e o estudo aprofundados sobre as necessidades da família norte-americana, e a procura de novas soluções habitacionais baratas e eficientes, no sentido do melhoramento da qualidade de vida dos seus cidadãos.

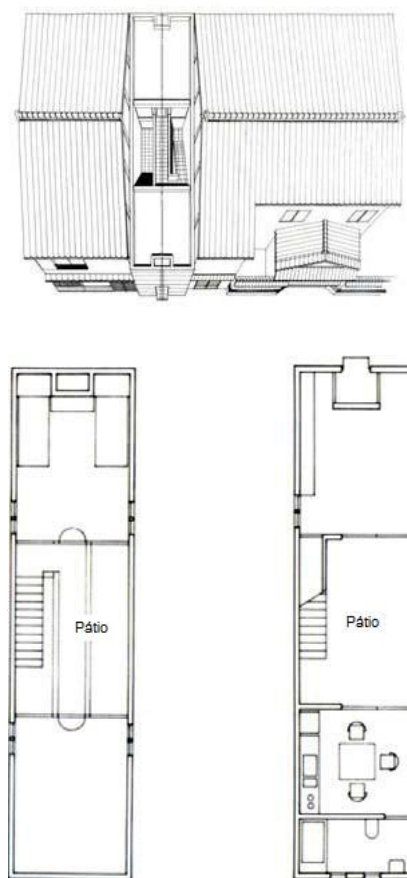


Fig. 28 - Tadao Ando, casa Azuma , Japão 1976

O primeiro de vários projetos para as casas do Case Study House é a casa número seis, projetada por Richard Neutra em 1945 e conhecida por “Casa Omega” . Fig. (29)

A sua planta em forma de cruz dispõe de forma harmoniosa, quatro pátios exteriores, cada um com a sua função distinta: pátio de entrada, pátio social, pátio de desporto e pátio de serviços. A utilização do tipo de planta cruciforme é comum nos projetos do arquiteto, como observámos anteriormente, no caso da “Casa do Deserto” projetada para Kaufmann em 1947. A solução de Neutra é interessante e funcional já que permite aos moradores usufruírem de distintos espaços e diferentes tipos de atividades ao ar livre.

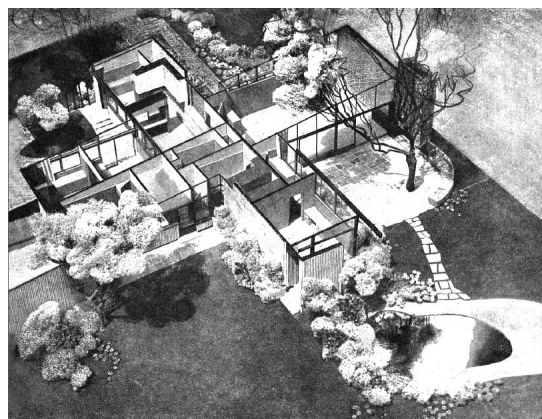


Fig.29- Richard Neutra, Case Study House nº 6 , Casa Omega, 1945 .

Uma das casas mais intrigantes das Case Study Houses, é a número quatro, a “Casa Greenbelt”, projetada pelo arquiteto Ralph Rapson em 1945. De acordo com Elizabeth Smith, o seu desenho inovador encontra-se entre os mais invulgares de todo o programa, nunca tendo chegado à fase da construção Fig.(30).

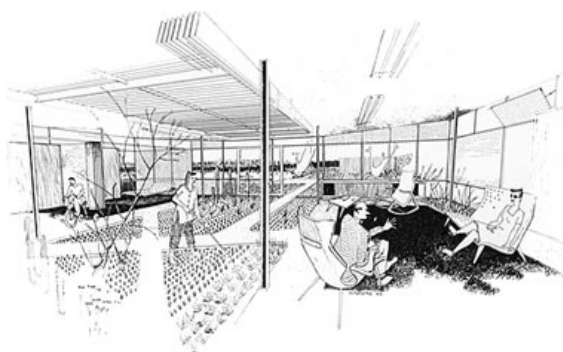


Fig.30- Rapson Casa Greenbelt, 1945 (nunca construído)

Rapson imaginou uma casa que incluía a natureza de forma significativa: *“O desenho final era uma estrutura aberta tipo pavilhão totalmente dividida ao meio por uma cintura verde interna de plantas que separava os quartos dos espaços comuns da casa. (...) (SMITH, p.18).*

O projeto de Ellwood para a Case Study House número dezasseis, tem como principais materiais de construção o aço, o vidro e betão. As paredes desta casa provocam a separação do exterior através de painéis de vidro translúcido: *“Each bedroom has its own private courtyard a baffle of obscure glass protect these courts and assures privacy from the street.” (ELLWOOD, s.d Arts & Architecture Magazine p. 26) Fig.(31).*

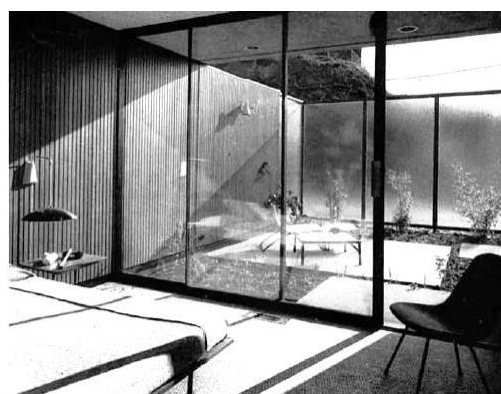


Fig.31 Craig Ellwood, Case Study House nº 16 Clark House.

Segundo Elizabeth Smith (2006 p.22) Ellwood afastou-se do uso convencional das

paredes do chão ao teto, configurando por sua vez, paredes com painéis flutuantes inseridos na estrutura de aço, manifestando um elevado grau de racionalidade e simultaneamente uma sensualidade ao nível dos acabamentos, texturas e pormenores.

Concluimos a análise das Case Study House, com a casa número oito, Casa Eames, projetada em 1945 e construída em 1949 por Charles Eames.

A habitação localizada em *Pacific Palisades*, Los Angeles, e bem inserida na floresta, ilustra o princípio binuclear de Breuer, ao evidenciar a separação das diferentes áreas da casa, zona de lazer da zona de trabalho. A casa é composta por dois volumes paralelepípedicos interligados por um pátio pavimentado. No primeiro piso, no volume situado à esquerda em planta, temos a zona dinâmica diurna: salas, de estar e de jantar, e a cozinha; no segundo piso, os quartos. No bloco situado à direita do pátio encontramos os estúdios, em ambos os pisos. A zona de trabalho está separada da zona habitacional propriamente dita. (Fig. 32) A sua estética original de painéis envidraçados alternados com painéis coloridos e a disposição funcional dos espaços úteis, tornaram-na uma das casas mais emblemáticas do modernismo norte-americano.



Fig.32 Charles and Ray Eames, Casa Eames, Pacific Palisades, Los Angeles 1945.

2.2.7 O pátio na obra de Luís Barragán.

A casa Gilardi (Colonia San Miguel (Chapultepec Cidade do México, 1975) é uma casa introvertida que foi desenvolvida numa composição que volta as costas para a cidade e se abre para o espaço privado.

Esta habitação, evidencia algumas características recorrentes da obra de Barragán: o seu lote está conformado por muros altos no qual se desenvolvem pátios e jardins, percursos e jogos volumétricos em que os pisos se constroem dando origem a coberturas planas que são terraços, como na casa Barragán (Tacubaya, Cidade do México 1947-48)



Fig.33 Luis Barragán, Casa Gilardi Perspetiva de um dos pátios.

(Fig.34) e as janelas largas e altas de caixilharia quadrangular que parecem ser sempre as mesmas quer estejamos na Casa Galvez, na casa Barragán.

A piscina, é outro dos elementos recorrentes na obra do arquiteto mexicano. Esta transforma-se numa superfície transparente dentro de casa Gilardi, ou fora dela, um espelho no chão que parece saciar todo o espaço com a presença de água cristalina, como em Cuadra San Cristobál. (Los Clubes Cidade do México 1966-68) (Fig.35)

Luís Barragán trabalha a “sua arquitetura” com aproximação a uma herança tradicional. Se a relação concetual/espacial que cria, evidencia uma aprendizagem com os mestres modernos, como Le Corbusier, já a escolha dos materiais, demonstra o quanto o arquiteto buscou nas raízes tradicionalistas do seu país. Características que podem ser deduzidas pela observação, como, nas paredes coloridas de acabamento irregular, nos revestimentos de pedra dos pátios, a utilização da madeira nos interiores, e a decoração exterior com objetos pitorescos. Fig. (36)

A arquitetura deste arquiteto Mexicano, demonstra a exuberante potencialidade do pátio, quando possível ser construído numa área generosa, como oásis privado, zona de recreio e zona de lazer para múltiplas atividades.



Fig.34 Terraço casa Luis Barragán.



Fig.35 Luis Barragán, Cuadra San Cristobal.



Fig.36 Pormenor do pátio da casa Barragán.

O Pátio no I.A.P.

3.1 Estudo das casas com pátio no Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal.

Neste capítulo abordamos o tema da casa-pátio da arquitetura popular na Zona 1 do “Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal: A região Minhota”.

Segundo José Manuel Pedreirinho (2012, s/p) Giorgio Grassi designa a arquitetura popular como a arquitetura do óbvio, no sentido em que: “*é uma arquitetura que não tem nada a mais, também não tem nada a menos, é óbvia*”.

A arquitetura popular responde numa forma muito óbvia às necessidades das pessoas, aos materiais existentes, às condições do terreno, às condições sociais, às capacidades de construção. O pátio, como estrutura óbvia de habitar que é, pertence ao domínio da arquitetura popular, ou tradicional, mas não só. De acordo com o texto editorial da Revista DPA, 1997, “*Se trata de un tema que, contra lo que pudiera parecer, no tiene nada de localista o de particularista. Ya que, en efecto, lo primero que comprobamos al acercarnos sin prejuicios a la noción de patio es que, lejos de corresponder unívocamente a una cultura determinada o a un tiempo histórico concreto, constituye un principio de valor universal y permanente*”⁵.

Por sua vez, a relação da arquitetura tradicional com o movimento moderno não está dissociada. Antes pelo contrário, como afirma Manuel de Cerveira Pinto (2013 s/p): “*a arquitetura moderna vai buscar inúmeras influências à arquitetura tradicional popular de todo o mundo*”. De acordo com esta comunicação, arquitetos como Frank Lloyd Wright ou Le Corbusier, terão ido buscar em algum período da sua obra, referências a arquiteturas tradicionais, no sentido da apropriação do *genius loci*, japonesa, no caso de Wright, ou mediterrânica, no caso de Le Corbusier. A cobertura plana, um dos *cinco pilares da arquitetura moderna*, demonstra uma surpreendente semelhança física com certas estruturas da construção do norte de África e do Mediterrâneo: “*Não há edifício de “corbu” que não reflita de algum modo, em algum detalhe o seu respeito e profunda compreensão dos princípios e das formas físicas da arquitetura mediterrânea* (GOLDFINGER, 1993 p.18).

⁵ “Este é um tema, que ao contrário que possa parecer, não tem nada de provinciano ou regionalista, já que a primeira coisa que comprovamos ao aproximarmo-nos sem preconceitos à noção de pátio é que, longe de corresponder exclusivamente a uma determinada cultura ou a um período histórico, este constituiu um princípio de valor universal e permanente. ”

Apesar de ainda não ter sido estabelecida a relação entre a cobertura em terraço de Le Corbusier e as suas viagens pelo mediterrâneo, são claras as evidências entre a arquitetura tradicional desta região e as obras modernas do arquiteto. Le Corbusier foge também aos princípios dos cinco pilares da arquitetura moderna, que ele próprio definiu, ao aproximar-se duma abordagem mais tradicionalista ou orgânica da arquitetura, quando desenha em 1930, a casa Errázuriz no Chile, ou em 1950, a capela de Notre Dame du Haut, em França, também conhecida como capela de Ronchamp, e onde “*podem descobrir-se formas relacionadas com as da arquitetura vernácula da ilha de Santorini (...)*” (GOLDFINGER, 1993, p.18).

De acordo com Manuel Cerveira Pinto, também Schindler e Luis Barragán aprofundaram esta relação tradição/ modernidade, construindo com métodos e técnicas tradicionais, podendo mesmo ser considerados precursores neste aprofundar da relação entre arquitetura erudita e vernácula. Através das suas opções e experimentos, anteciparam a perceção da mais-valia ambiental e ecológica da utilização das técnicas e dos materiais tradicionais. Esta atitude que parece ter levado à primeira fusão intencional entre arquitetura moderna e vernacular, encontra-se sintetizada na expressão “ *Regionalismo Crítico*”⁶ de Kenneth Frampton.(1983)

Voltando ao Inquérito que constitui a matéria deste capítulo, fazemos notar que apesar deste fornecer grande amplitude de dados relativos às mais variadas construções, desde capelas, solares, mercados, espigueiros ou moinhos, descrevendo detalhadamente as suas variadas características, recorreremos igualmente a imagens e textos do inquérito à arquitetura popular em Portugal, realizada nos anos cinquenta do século vinte, por iniciativa de Francisco Keil do Amaral (1910-1975) de onde seleccionámos alguns exemplos significativos da arquitetura vernacular portuguesa. Este estudo permitiu-nos verificar a existência de alguns elementos tradicionais característicos destas habitações na região do Minho, e compreender o estudo da viabilidade dos mesmos na reinvenção da casa contemporânea de Siza Vieira.

Quanto à sua situação geográfica, o território continental nacional português compreende oitenta e nove mil metros quadrados de área limitada a oeste pelo oceano atlântico, a este e a norte pelo território espanhol, e a sul em fronteira marítima com o norte de África. Compreende na sua extensão norte - sul aproximadamente oitocentos quilómetros e está dividido em nove regiões distintas definidas desta forma pelo “Inquérito”:

⁶ Regionalismo Crítico; Termo usado primeiramente por Alexander Tzonis e Liane Lefavre para designar uma arquitetura que tenta opor - se ao deslocamento e falta de significado na Arquitetura Moderna, usando forças contextuais para devolver-lhe um senso de lugar e significado. Kenneth Frampton, “*Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*”, in FOSTER, Hal. (Ed.) *The Anti-aesthetic: essays on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1983

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Zona 1 - Minho Arqs. Fernando Távora, Rui Pimentel, António Menéres (responsáveis);

Zona 2 - Trás-os-Montes: Arqs. Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo, Carlos Carvalho Dias (responsáveis);

Zona 3 - Beiras: Arqs. Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato (responsáveis);

Zona 4 - Estremadura: Arqs. Nuno Teotónio Pereira, António Pinto Freitas, Francisco Silva Dias (responsáveis);

Zona 5 - Alentejo: Arqs. Frederico George, António Azevedo Gomes, Alfredo da Mata Antunes (responsáveis);

Zona 6 - Algarve: Arqs. Artur Pires Martins, Celestino de Castro, Fernando Ferreira Torres (responsáveis).

3.2 Estudo da Zona 1 do Inquérito: Minho. (Arqs. Fernando Távora; Rui Pimentel; António Menéres)

Caraterizado pelas suas paisagens verdejantes, a região Minhota compreende os distritos de Viana do Castelo e de Braga, limitados a Norte pela Galiza (província espanhola).

Os limites longitudinais são bastante precisos: Peneda-Gerês, Alvão, Montemuro e Marão. Este sistema montanhoso, que é também parte integrante do Minho, separa-o do interior transmontano, terra com características, em muitos aspetos, totalmente diversas.

O Minho é uma terra granítica dominada por largos vales entre montanhas que a menos de 50 km do mar já se elevam a alturas superiores a 1000 metros. A posição destes relevos (paralelos entre si e oblíquos ao mar) facilita, desta forma, a progressão das massas de ar húmidas provenientes do Atlântico Norte, que irrompem pelos largos vales dentro, tornando esta região aquela onde se registam os mais elevados valores de precipitação em Portugal.

Esta é a região onde os valores da insolação são os mais baixos de todo o território continental, ficando-se pelas 1800 horas por ano. As temperaturas são também as mais baixas que se registam na faixa litoral.

A rede hidrográfica da região é em função das elevadas precipitações e da natureza do suporte geológico, bastante particular já que aqui se encontram três dos mais importantes cursos de água do território português- O Minho, o Lima e o Douro (todos com nascente espanhola).

A cobertura vegetal da região, reúne espécies do Atlântico e do Mediterrâneo: diversos tipos de carvalho, freixos, olmos, castanheiros, etc. e outras introduzidas pelo homem que se adaptaram perfeitamente, o pinheiro bravo e o eucalipto.

As excelentes condições naturais do Minho, nomeadamente a abundância de água, permitem desde há muito a prática de uma agricultura intensiva e laboriosa, onde a introdução de novas espécies tem sido uma constante; a vinha, o milho, a batata, o quivi.

A estreita faixa do litoral minhoto, fustigada por ventos e menos rica em água do que as encostas e vales interiores, é mais simples e pobre. A diversidade de culturas, apenas alguns produtos hortícolas e milho em pequena quantidade e as áreas cultivadas surgem cercadas de pinhais e areias estéreis.

No litoral, outra atividade também ela tradicional, assume maior importância: as pescas. Na costa minhota encontram-se alguns dos mais importantes portos piscatórios do país como Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Vila do Conde e Matosinhos (cujas áreas se circunscrevem essencialmente à área costeira).

O estudo da “casa individual situada no campo”, como afirma Rui Jorge Ramos (2004, p. 75), tendeu sempre a ser mais considerado como uma investigação antropológica do que arquitetónica, devido à não existência de fontes diretas e por ser uma arquitetura sem autor. Desta forma, a análise que se desenrola ao longo dos parágrafos seguintes ressalta mais da observação do comportamento e das necessidades humanas e menos de questões técnicas e estruturais, próprias da disciplina arquitetónica.

Na zona Norte de Portugal, que compreende a região do Minho e Alto Douro e Trás-os-Montes, a condição da vida doméstica é fortemente orientada para a produção dos trabalhos agrícolas,

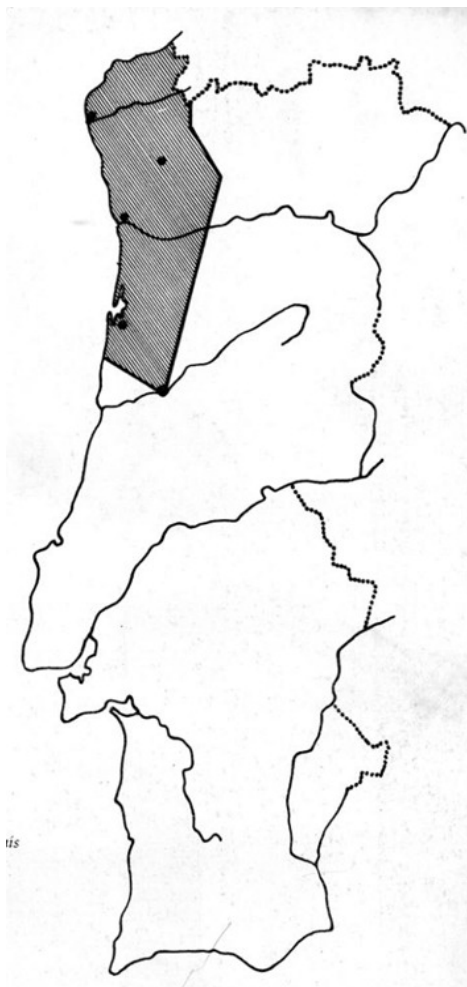


Fig. 37: Mapa da Zona 1- Região do Minho.



Fig.38 Panorâmica da Povoação; Distrito: Viana do Castelo; Concelho: Ponte da Barca; Localidade: Lindoso, 1955

principalmente nos meios rurais. Por um lado devido às influências incontornáveis das condicionantes naturais: terrenos férteis propícios ao cultivo e ao pasto; por outro lado devido a uma forte tradição familiar e social que associa os habitantes às atividades do campo. As tradições mantêm-se, e a necessidade exige a continuidade de habitações que se coadunem com este estilo de vida.

Nas quintas, onde as vivendas e os anexos estão agrupados à volta de um pátio, encontramos a casa com pátio rural. Este é presente nas casas da lavoura minhotas e nas casas rurais trasmontanas e constitui-se como o centro gerador dos movimentos centrípetos da vida agrícola. A sua organização tem por base uma divisão essencial que assenta na separação dos homens e dos animais.

A ideia de privacidade e a separação entre funções essenciais como trabalho agrícola, criação de animais, armazenamento e guarda de produtos e alfaias, preparação de alimentos, comer, dormir e higiene, tal como hoje as concebemos, era praticamente inexistente em numerosos casos descritos. A casa era um prolongamento da lavoura e em alguns casos, composta de espaços únicos onde toda a atividade familiar, doméstica e agrícola, era realizada. Apenas nas casas mais abastadas se verificava a centralidade de um grande espaço que reunia as diversas funções de um modo informal.

Este espaço geralmente fechado e a descoberto, é simultaneamente espaço de entrada e de trabalho, de estar, de acesso e circulação para outros espaços.

A relação dinâmica entre estas habitações do norte e o modo de vida dos proprietários, e a horta, o quintal o jardim ou toda a quinta é evidente. A estreita relação das casas com a arquitetura tradicional é observável na utilização dos materiais e na presença de elementos da arquitetura tradicional, típica da região: a frequência da utilização da pedra granítica como material de construção; a escada exterior com acesso à porta principal; o pátio como logradouro, ou eira; a pouca fenestração com aberturas de reduzidas dimensões; a planta do piso térreo cuja funcionalidade é a de arrecadação, garagem ou adega.

3.3 As tipologias das casas tradicionais minhotas.

Casas com pátio no Minho: casa com pátio urbana: casa burguesa; casa de operários.
Casa com pátio rural: da costa: casa de pescadores; do interior: casas de lavoura.

3.3.1 A habitação típica minhota.

A população minhota, devido às condições naturais da região, esteve sempre fortemente orientada para a produção agrícola tanto no litoral como no interior, pelo que, podemos nomear dois tipos de casas tradicionais: a da costa, e a do interior.

Temos como exemplo, a casa de pescadores em Viana do Castelo. Neste distrito, as habitações tradicionais que se encontram ao longo da costa, são destinadas a famílias cujo maior rendimento provém de atividades piscatórias. Estas são térreas, de um só piso e normalmente dispostas em banda. Apresentam como particularidade, as fachadas azulejadas com um pequeno terreiro murado, que serve de receção ou quintal da casa. Os azulejos protegem a fachada da força erosiva dos ventos marítimos e do salitre que ele transporta.

No entanto, a casa de pátio tradicional minhota que domina a região é a casa rural. No Inquérito classificaram-se da seguinte forma as casas rurais do interior minhoto: solares; complexos agrícolas; casas de lavoura; casas de lavoura com escada integrada e casas- sequeiro.

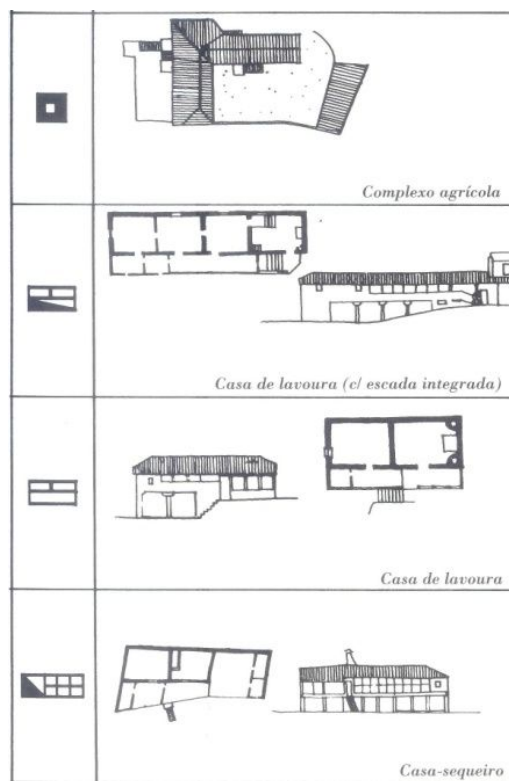


Fig.39 Parte do mapa tipológico da Região Minhota de acordo com o Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa.

3.3.2 Exemplos de Complexos Agrícolas:

Complexo Agrícola: Casa em Calvelhe: Distrito: Braga; Concelho: Guimarães; Freguesia: Creixomil; Casa do Balazar; Distrito: Braga; Concelho: Guimarães; Freguesia: Balazar.

A "Casa de Calvelhe", assemelha-se aparentemente a uma casa de povoado, voltada para a rua, com a tradicional escada e alpendre minhoto (Fig.40). No entanto, a habitação desenvolve-se para as traseiras, em redor de um espaço a descoberto de área generosa, onde se sucedem diversos sub-espços para todo o tipo de funções.

A estrutura da habitação determina o espaço a descoberto central e comum a todos os outros, que se constitui como o centro dos trabalhos da



Fig.40 Casa em Calvelhe Concelho: Barcelos Freguesia: Creixomil

atividade agrícola. A “ casa de Calvelhe” é um exemplo de complexo agrícola bastante completo.

Inclui no piso térreo, em redor da eira e do eido: lojas; várias cortes de gado; casa do forno; adega com cubas para a produção de vinho; cozinha para os trabalhadores; sequeiro; espigueiro; dois *cobertões*, um para as desfolhadas e outro para oficina, uma outra eira coberta, e uma capela. Estas divisões são delimitadas pelo perímetro da quinta e dão acesso ao exterior, nomeadamente aos campos através de diversas portas e portões (Fig.41).

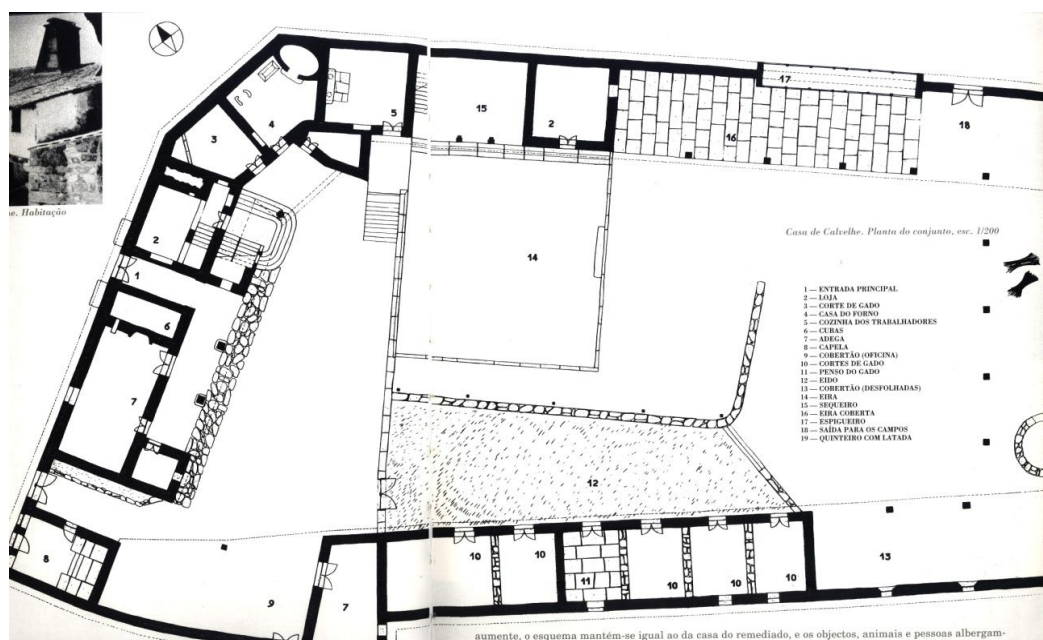


Fig. 41 Casa em Calvelhe Concelho: Barcelos Freguesia: Creixomil (planta da casa e anexos)

A “casa do Balazar”, é considerada um complexo agrícola à semelhança da casa em Calvelhe. (Fig.42 e 43)

A construção, apesar de menos completa, desenvolve-se, também em torno do pátio ou eido. A sua estrutura eleva-se sobre pilotis de granito pintados. Ao primeiro Piso acede-se através duma escada do mesmo material. O seu volume principal abriga dois quartos, uma varanda e a sala de estar, com vista para o pátio. Os seus anexos incluem, um sequeiro, adossado ao volume habitacional, uma cozinha e um palheiro. A cobertura é de quatro águas em telha lusa.



Fig. 42 Perspetiva da casa do Balazar.

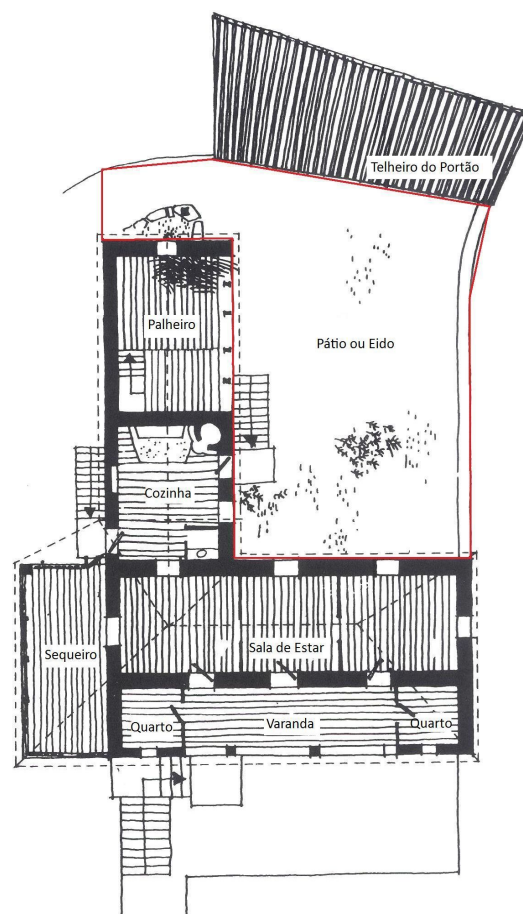


Fig.43 - Planta da casa do Balazar.

Casa de lavoura com escada integrada: Distrito: Braga; Concelho: Guimarães
Freguesia: Escudeiros; Localidade: Lugar do Ribeiro.

Esta casa de lavoura é caracterizada pela escada granítica, detalhadamente trabalhada e adossada à fachada principal. As quintas minhotas possuem quase sempre no seu interior, o espaço livre a descoberto, a que chamam terreiro, eido ou pátio. Na quinta do Ribeiro, acedemos ao terreiro por um caminho pavimentado e coberto por parreiras. (Figs. 44 a 45).



Fig.44 Quinta do Ribeiro.
Distrito: Braga; Freg.
Escudeiros; Localidade: Lugar
do Ribeiro 1955



Fig. 45 Quinta do Ribeiro, Vista do
caminho de acesso ao pátio.

3.3.3. Exemplo da “casa - sequeiro” Casa do Olival: Concelho: Barcelos; Freguesia: Sobreira; Lugar: Carapeços.

A “casa-sequeiro” é uma tipologia particular de casa da lavoura. No piso térreo, guardam-se as alfaías agrícolas e outras ferramentas no espaço que antecede as divisões da corte do gado, da cozinha e da arrecadação. A casa eleva-se do chão sob *pilotis* e a escada de um só lanço, dirige-nos para o sequeiro, onde se secam os alimentos. A partir desta divisão, a maior da casa, podemos aceder à sala, aos quartos, pequenos e sem janelas, e a outra arrecadação. (Figs.46 e 47). A eira em frente à casa, pavimentada, define o espaço exterior e caracteriza de imediato esta habitação como uma casa de trabalho rural. (Fig.48)

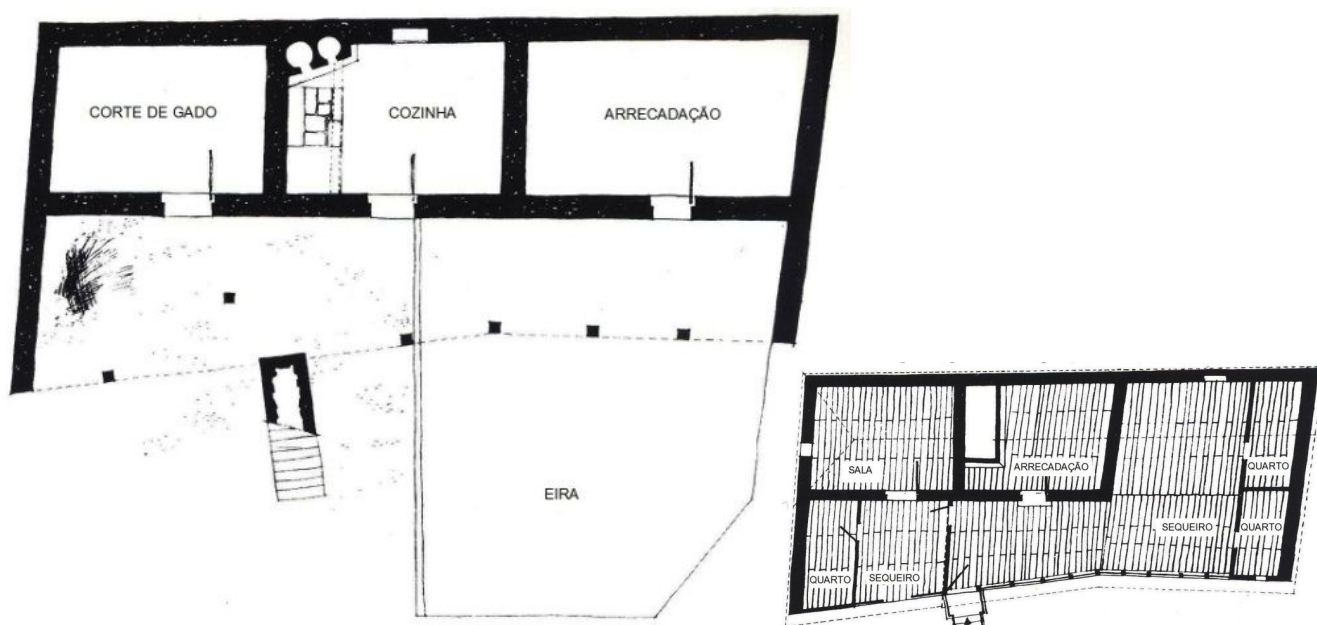


Fig.46 e 47- Plantas da “ casa-sequeiro” com pátio. Casa do Olival



Fig.48- Eira da casa do Olival: Concelho: Barcelos; Freguesia: Sobreira; Lugar: Carapeços. 1955.

3.3.4 Exemplos de elementos que definem um “espaço-pátio” na arquitetura tradicional minhota.

Muros e muretes: Esta casa atarracada de 2 pisos, construída em blocos de granito, toscamente pintados de branco, com cobertura em telha lusa, pode ser tida como exemplo de uma das habitações tradicionais de beira de estrada, desta região. A casa possui um espaço defronte à sua fachada delimitado por um murete em granito. No primeiro piso uma abertura larga pautada por um pilar de pedra, que parece sustentar a cobertura, constituiu um espaço aberto para a casa e tem a função de varanda. (Fig.49)



Fig.49 - Casa com quintal murado Braga; Póvoa de Lanhoso, Travassos 1955.

Entrada e Caminho: Na região minhota, o pátio pertencente a uma quinta, é vulgarmente apelidado de *quinteiro*. Esse espaço que antecede a moradia e os terrenos da família, é delimitado por muros altos de granito e possui uma entrada com portadas de madeira com espaço suficiente para a passagem de um carro. (Fig.50) Sucede a esta entrada um caminho de terra ou empedrado, muitas vezes protegido por parreiras ou outra vegetação disposta em arco, que se dirige para o pátio ou quinteiro.



Fig. 50 - Entrada para o Quinteiro. Residência do Pároco. Braga, Póvoa de Lanhoso; Rendujinho. 1955.

Alpendre: Algumas casas mais sofisticadas apresentam uma entrada bem cuidada, como o exemplo da Quinta do Vale em Póvoa de Lanhoso, cuja entrada da casa é em granito caiado de branco, com alpendre em colunas de pedra e telhado de 4 águas em telha lusa. O espaço que conforma o alpendre, serve de hall aberto ligeiramente elevado do solo e pavimentado. Possui banquinhos de pedra e a porta e a janela aparecem modestamente rematadas por um friso de cor à sua volta



Fig. 51 - Quinta do Vale, Casa com alpendre, Braga Póvoa de Lanhoso, Garfe 1955

(Fig.51).

Cobertões: Os *cobertões* de anexo são estruturas de apoio à casa e ao campo. Situados em redor do pátio, eira, terreiro ou quinteiro aparentam um alpendre colunado, prolongamento da casa. (Fig.52)

Varandas de madeira: A madeira é um material muito utilizado tanto interior como exteriormente e na arquitetura popular minhota, a madeira é frequentemente utilizada nas varandas que circundam os pátios ou nas fachadas. Por serem abertas transmitem uma sensação de leveza aos edifícios que são muito compactos.

Um dos exemplos mais característicos encontrados no Arquivo do IAP, é uma casa disposta em "C" que dá origem a um pequeno pátio de acesso. (Fig.53)

Um dos conjuntos agrícolas encontrados possui um pátio Interior com varanda circundante saliente de estrutura em madeira. (Fig.54)



Fig. 52 - Cobertão e pátio. 1955

Quinta do Ribeiro.



Fig.53- Pormenor de fachada de casa. Braga, Póvoa de Lanhoso, Travassos. Lugar da Correira de Cima.



Fig.54 - Conjunto agrícola com pátio interior. Braga. Póvoa do Lanhoso. Covas, 1955.

O pátio na Obra de Álvaro Siza.

4.1 Contextualização; Arquitetura Pós-Inquérito.

De acordo com o arquiteto Hugo Farias (2013 s/p) após a segunda grande guerra mundial, e com o derrube dos regimes fascistas europeus sentem-se em Portugal os primeiros sinais de abertura ao exterior.

Em 1948, o sindicato dos arquitetos portugueses patrocinado pelo governo, organiza e realiza o primeiro congresso internacional de arquitetura. Marca-se desta forma o início duma nova fase da arquitetura portuguesa em que se procuram adotar os princípios da arquitetura moderna com um sentido ético ideológico e social mais profundo. O congresso serviu de lugar para a afirmação da arquitetura moderna e para a manifestação pública das convicções políticas e culturais da nova geração emergente. No entanto os resultados desta iniciativa não seriam definitivos, uma vez que na arquitetura produzida no período pós congresso coexistiam exemplos de continuidade de rutura assim como uma busca pela crítica da arquitetura moderna.

A partir de meados da década de 50, com uma atitude baseada na união de valores culturais distintos, duma arquitetura focada no homem e na sua especificidade cultural, social e psicológica, inicia-se uma reflexão com a preocupação de integrar modernidade e tradição.

Entre 1955 e 1960 realiza-se o Inquérito à arquitetura regional portuguesa. Este, vem constituir uma realização de significado disciplinar cultural e político, na medida em que constitui um trabalho de recolha de informação nunca antes realizado, proporcionando pela primeira vez fontes para o estudo da arquitetura popular portuguesa e conseqüentemente manifestar a clara existência duma arquitetura tradicional múltipla e variada, contra a posição oficial da existência duma arquitetura nacional única, assistindo-se ao fim da ideia da casa portuguesa e dos modelos da arquitetura regionalista/nacionalista.

O início da década seguinte constitui um período de profundas transformações na arquitetura nacional com o aparecimento de realizações suportadas pelos princípios modernos.

De entre os principais autores do período destaca-se, a norte, Fernando Távora como autor que contribuiu fortemente para as transformações ocorridas. Da autoria do arquiteto sobressai o projeto da casa de Ofir (1958). Esta obra, que procura a síntese entre o imperativo de ser moderno e a possibilidade de adequação da arquitetura a uma realidade

específica, local, apresenta uma caracterização que reflete simultaneamente, os valores da arquitetura tradicional portuguesa e os valores da arquitetura moderna internacional.

4.2 A influência de Fernando Távora e da Casa de Ofir na Obra de Siza.

Segundo Hugo Farias a casa em Ofir é uma *“Obra primogénita no percurso do seu autor, constitui um lugar privilegiado para a manifestação de novas convicções e para o estabelecimento de propostas metodológicas e arquitetónicas inovadoras, em que o reconhecimento da importância da arquitetura popular é bem evidente.”* (FARIAS 2013 s/p).

A arquitetura do pós-inquérito, no plano operativo é, sem dúvida, marcada pelas obras e pela personalidade de Fernando Távora.

A casa de férias em Ofir, (1956-1958) (Fig.55) foi realizada como uma pequena habitação de fim-de-semana, no pinhal de Ofir em Esposende. Como foi dito anteriormente, esta casa-pátio localizada no norte de Portugal, alia as influências tradicionalistas do arquiteto, associados ao entendimento moderno da arquitetura que na altura se praticava um pouco por toda a Europa.

Podemos observar que surgem já modificações ao nível dos elementos, desvendando o caráter moderno para onde a arquitetura de Fernando Távora caminha: *“A arquitetura de Távora deve tanto a Le Corbusier, pela utilização do betão descoberto nas peças estruturais e no tratamento de algumas fenestranças, como a Wright, na importância que assume, interna e externamente a chaminé do fogão de sala, que “centraliza” todo ambiente interno ou na horizontalidade e nos prolongamentos da cobertura das suas obras. deve tanto ao “brutalismo” pelo modo como certos acabamentos são deixados em “bruto” como à arquitetura popular, ao observarmos a cobertura em telha, o reboco e os materiais locais.”* (FIGUEIREDO, 2012 s/p).

A casa em Ofir reúne um conjunto de características que revelam uma síntese harmoniosa de valores da arquitetura local e uma síntese de valores da arquitetura internacional.

Na opinião do Professor Ricardo Figueiredo (2012 s/p), algumas das características de caráter tradicional da supracitada casa, são demonstradas pelo cuidadoso estudo prévio do local de implantação e pelo desenho dos espaços na atenção da procura de soluções para as ligações, para as entradas e para os espaços de



Fig.55 - Fernando Távora, Casa em Ofir, 1956-1958.

transição.

Também a escala do edificado, a morfologia e orientação da planta, a relação de construção com o lote (mais encerrada para a rua e aberta sobre o pátio), a decomposição e articulação volumétrica, os corpos de pequena escalam, (brancos, agarrados ao chão), a cobertura inclinada com utilização de telha, os muros (fortes e densos) e as paredes espessas, constituem, em suma, uma inovação construtiva devido à utilização de materiais e processos tradicionais aplicados aliados a uma solução moderna.

A casa resulta num objeto coeso e coerente de arquitetura. Tendo sensibilidade na escolha dos materiais: caixilharias de madeira para as portas e janelas, pedra e reboco pintado para as paredes, tijoleira para os pavimentos e a estrutura à vista dos suportes do telhado.

As paredes interiores não cumprem toda a sua verticalidade, não atingem o teto e não fecham os espaços criando uma continuidade do espaço acima das cabeças. (Fig.56) Os espaços interiores são mais amplos e fluidos, menos brutalistas, demonstrando a afinidade de Távora pelos princípios modernistas.

A casa, com três braços, cria zonas de jardim à volta do edifício que se enquadram com a envolvente. A cobertura inclinada com pendente suave em telha lusa cria zonas cobertas formando alpendres, que funcionam como zona de transição entre a construção e o jardim. O edifício, constituído por três volumes, dois dos quais constituem um L, ao qual o terceiro volume correspondente à zona de estar que se inclina ligeiramente em relação ao eixo principal da casa.

Esta habitação expressa o caráter funcionalista devido à clara separação entre as três zonas: íntima, de estar e de serviços, assim como organicista no sentido em que se adapta ao terreno preocupando-se com a organização dos espaços.

No jardim, uma taça marca presença como elemento estrutural orientador do espaço. A taça sem função aparente, serve aqui para delimitar o espaço habitável. Marcando um novo limite dentro do lote dos proprietários. O jardim, relvado, é então virtualmente definido por esta figura numa forma muito subtil de forma a criar este espaço a apelidamos de pátio. Fig. (57).



Fig.56 - Fernando Távora, Casa em Ofir, 1956-1958. Interior da sala de jantar.



Fig.57 - Fernando Távora, Casa em Ofir, 1956-1958. Vista do pátio relvado com taça, através do interior da casa.

4.3 A casa Alves Santos e a casa Alves Costa - afinidades entre Siza Vieira e Fernando Távora.

É de salientar, a evidente afinidade e continuidade entre as obras então realizadas por Fernando Távora, e as investigações projectuais que, a partir de 1954, Siza Vieira irá prosseguir, num contínuo processo de amadurecimento.

Da relação de Siza Vieira com Fernando Távora, com quem inicialmente colabora, surge, nesta primeira fase da sua obra, um processo de decantação e de aprofundamento crítico e operativo das estimulantes concepções e realizações conseguidas anteriormente pelo arquiteto do Inquérito. (Fig. 58)



Fig.58 - Fernando Távora com Álvaro Siza Vieira em Matosinhos, 1961.

A particularidade como Siza Vieira conforma as suas soluções em relação à morfologia do terreno que lhe é proposto e sobretudo em relação ao espaço total que lhe é dado, ou seja, aos limites cadastrais do lote em que se insere cada projecto que deve trabalhar, vem trazer uma forma interessante de edificar no terreno. O arquiteto organiza totalmente o espaço, numa constante relação e tensão entre *aedificandi* e a configuração desse construído e *non aedificandi*: acessos, jardins e pátios.

As habitações, construídas entre 1964 e 1970, vem encerrar uma década de trabalhos notáveis do arquiteto Siza, que o próprio caracterizou como época de “ *tensões entre o regionalismo e o internacionalismo*”.

Esta identidade vernácula, presente noutras obras do arquiteto, mas refletida duma forma mais direta nestes dois exemplos, vem enfatizar, a afinidade da obra de Siza com o seu mestre, nomeadamente com a casa em Ofir.

A especial semelhança entre estas obras e a obra de Fernando Távora, reflete-se pela escolha do lugar de construção, pela composição volumétrica, e pela opção do uso de materiais tradicionais, mas agora, na obra de Siza Vieira, com um envolvimento maior com a conceção moderna da habitação.

Tanto a casa Alves Costa (1964-1968), localizada em Moledo e a casa Alves Santos, em Póvoa de Varzim (1964-1970), refletem o tema do pátio, como espaço exterior, centro da organização doméstica e elemento que dilata o espaço interior da habitação.

Em ambas as casas, a organização parte da definição de um perímetro exterior onde são abertas escassas janelas, permitindo encerrar o lado da casa voltado para a rua optando por orientar a vida doméstica para o lado oposto, onde se situa o pátio e para o qual a casa se abre à semelhança do que observámos nas habitações tradicionais da ZONA 1 do Inquérito.

Este perímetro acompanha a circulação dos habitantes e a distribuição dos espaços da casa e embora na casa Alves Santos os quartos estejam situados no piso superior, (Fig.59) mas igualmente voltados para o pátio, em ambas as casas, a definição de toda a organização interna passa por uma sequência de compartimentos que se abrem diretamente para o espaço exterior.

Na casa Alves Santos este espaço pátio, é configurado entre a construção em L da edificação e o limite do logradouro, e na casa Alves Costa por *muretes* de suporte do terreno e pelo limite da arborização.

O pátio é assim transformado desde a sua forma originária, como já vimos, num espaço interiorizado, mas não totalmente encerrado. Esta condição parece ser suficiente, de acordo com Garcia Ramos (2004 p.568) para que mantenha a sua função de espaço central na organização da casa e na definição da vida privada familiar.

Além deste recinto exterior e central a que chamamos pátio, que aglutina os espaços da casa, existem outros espaços exteriores que, nas duas casas, cumprem funções específicas.

Na casa Alves Costa, por exemplo, o volume dos quartos termina num espaço exterior que surge no prolongamento dos muros da edificação e que define um recinto, como mais um compartimento delimitado por quatro paredes.

Na casa Alves Santos é utilizada uma solução formalmente semelhante, mas com um uso diverso, em que o espaço exterior é ligado à zona da cozinha, originando um pátio de serviço com um acesso próprio pelo exterior.

As casas, repletas de pormenores construtivos, demonstram o caráter do final dum período tradicionalista do arquiteto Siza Vieira, em que aparecem as coberturas feitas numa só água, carpintarias de qualidade artesanal, a forma e a



Fig. 59 Álvaro Siza Vieira. Casa Alves Santos. Póvoa de Varzim (1964-1970), Vista do Pátio.



Fig. 60 Casa Alves Costa. Moledo (1964-1968) Vista do Pátio.



Fig. 61 Planta da Casa Alves Costa. Moledo (1964-1968) Sem escala.

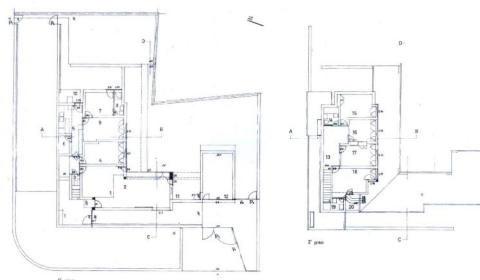


Fig. 62 Planta do 1º piso e 2º Piso da Casa Alves Santos. Póvoa de Varzim. Sem Escala.

pureza dos materiais, o predomínio do branco e os volumes pesados inscritos no lugar.

4.4 O pátio. Elemento recorrente nas obras de Siza.

Transformando e reinterpretando um arquétipo antigo, o uso do pátio por Siza, é um elemento familiar da sua arquitetura simples e pura, marcando a sua presença tanto em pequenas habitações como em edifícios de grande envergadura e de importância arquitetónica.

Nos edifícios públicos, no entanto, o espaço adquire uma lógica distinta dos conhecidos átrios ou logradouros das habitações familiares.

As saliências e reentrâncias dos volumes criados, resultantes da lógica funcional do projeto, dão origem a pátios de entrada dos edifícios. Julguemos, como exemplo, o Pavilhão Carlos Ramos da Escola de Arquitetura do Porto (1986) ou o complexo paroquial da Igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses. (1996)

Em ambos exemplos, o pátio surge aberto, como recetáculo, num convite à entrada do edifício.

No caso do pavilhão Carlos Ramos, situado a noroeste do terreno, constituindo um dos três complexos que constituem a escola de arquitetura do Porto, foi a dificuldade em criar espaços dentro dos limites da propriedade, que atribui ao edifício a sua inconfundível figura: *“ A dificuldade em criar espaços dentro dos limites da propriedade, obrigou-o, isto é, autorizou Siza a dar uma forma inconfundível ao edifício, em U deformado, que se fecha como a tenaz duma lagosta. O pátio abre-se e fecha-se simultaneamente a sul.”* (FLECK, 1992 p. 112) (Fig.11 e 12)

O pavilhão foi implantado de maneira a respeitar as árvores e cria um espaço externo assimétrico protegido. O edifício forma uma alcova no momento em que o arquiteto reduz a dimensão virtual dos blocos, dobrando os em direção ao centro do eixo imaginário que divide o edifício em duas partes semelhantes. O Complexo paroquial da Igreja de Santa Maria em Marco de Canaveses como



Fig.63 Perspetiva do Pavilhão Carlos Ramos.

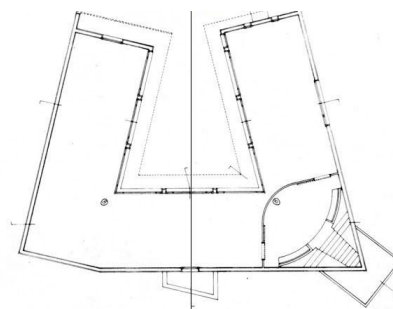


Fig.64 Planta Pavilhão Carlos Ramos. Escola de Arquitetura do Porto. (1986) Sem Escala.

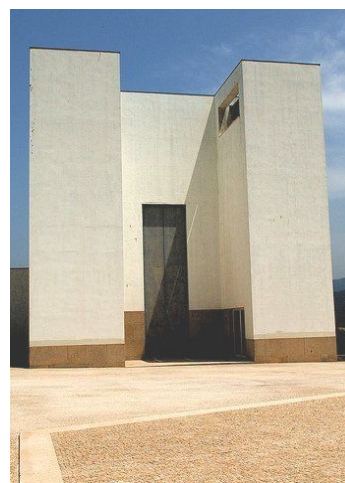


Fig. 65 Entrada da Igreja de Marco de Canaveses. 1998

edifício público e Sacro, transporta consigo a herança arquitetónica do *adro*⁷ e do pátio do *claustr*⁸. O moderno edifício projetado por Siza, não desobedeceu à regra e manteve na sua génese estes dois elementos. A reentrância no volume principal, constitui o adro da Igreja (Fig.65) e a composição entre a igreja e os outros edifícios pertencentes ao complexo organizam-se, com uma nova linguagem, no sentido do recolhimento e da introspeção do espaço reservado ao culto sagrado: “*Os edifícios articulam-se entre si e em relação às construções envolventes de forma a definir um Adro central, resultante de um tecido preexistente e consolidado pelos novos volumes.*” (SIZA, & HIJINO, 2001, s/p).

No Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves no Porto (1991-1999), Siza Vieira, esculpe habilidosamente o espaço, e integra a obra no meio numa exímia articulação e relação entre os vários volumes, percorridos por pátios semiabertos, algo que se assemelha ao que acontece no Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela (1988-1993). Em ambos, o pátio, resulta do



Fig. 66 Museu de Arte Contemporânea da Fundação Serralves, Porto.

interstício dos volumes construídos, funcionando

paradoxalmente como elemento aglutinador e separador de todos os outros espaços.

No Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves no Porto (1991-1999), observamos que todas as áreas do programa se desenvolveram num volume único, a partir do qual, um corpo central, gera dois braços assimétricos orientados a sul, definindo um pátio, e um volume em forma de L, destacado a Norte, criando entre si um outro pátio, na zona de entrada do público. O edifício, pautado por uma série de percursos e pátios que se desenvolvem se ao longo de um eixo longitudinal, retoma o traçado dos canteiros do terreno pré-existente.

Em 1988 o centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela constituiu a primeira encomenda para Espanha, na Galiza, uma região com afinidades linguísticas e culturais com o norte de Portugal. (FLECK, 1992 p.133).

Siza é desafiado, a integrar harmoniosamente, o moderno programa na dimensão sagrada e histórica do espaço envolvente, procurando novamente perceber a lógica anterior do lugar, para definir as linhas diretivas do novo edifício a construir no espaço.

O complexo situa-se nos limites do centro histórico de Santiago de Compostela e o programa inclui, de acordo com Brigitte Fleck (1992, p. 133) uma área de 6000 m² com duas

⁷ Adro; s. m. (lat. *atrium*) Terreiro em frente ou em volta da Igreja. Antigo cemitério, quando os enterramentos eram feitos no próprio templo. (Lello & Irmão p. 56)

⁸ Claustro; s. m. (lat. *Clastrum*) Corredor ou galeria coberta, construída em torno de um pátio interior aberto. Podia ter um piso ou mais do que um. Estrutura característica dos mosteiros ou conventos. Relacionado com a vida em clausura, fosse monástica ou conventual. Mais tarde com a extinção das Ordens Religiosas (1834) muitos dos Pátios que se encontravam em contacto com os claustros foram fechados consoante as suas novas utilizações.

grandes salas de exposições, um auditório, salas de conferência, uma biblioteca, uma cafeteria, um arquivo, bem como oficinas de restauro. Volumetricamente o edifício é composto por duas plataformas longitudinais dirigidas para norte e dois blocos de três pisos com um terraço acessível que criam um espaço central triangular. (Fig.67)

O centro de arte desenvolve-se ao longo dum percurso: *"O componente principal do centro de arte é um percurso, sob a forma duma longa barra linear colocada num eixo leste-oeste, que segue o alinhamento da faculdade vizinha a oeste."* (SIZA & HIJINO, 2001; s/p). Esta barra funciona como a coluna vertebral do edifício, com vários grupos de espaços fechados à sua volta, formando pátios semifechados que se conectam com a paisagem, trazendo luz para o interior. (Fig.68)

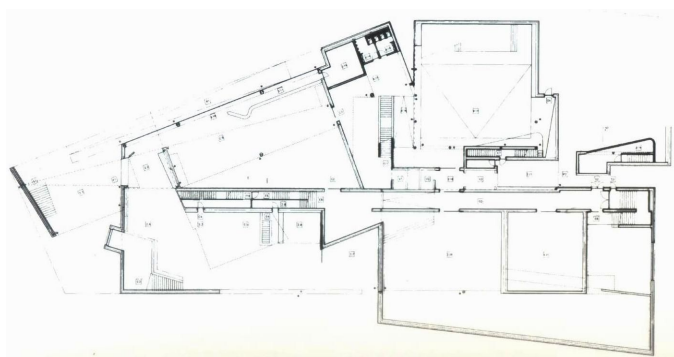


Fig. 67 e 68 Centro Galego de Arte Contemporânea. Santiago de Compostela

4.6 Casas com pátio na contemporaneidade- Estudo da Casa com pátio em quatro casas da obra do arquiteto Álvaro Siza.

A escolha da obra de Álvaro Siza, para análise nesta dissertação surge na continuidade do estudo da arquitetura popular portuguesa.

A sua obra foi escolhida pela importância que o arquiteto atribui ao vernáculo ao privilegiar as características do lugar, demonstrada ao longo do planeamento de todas as suas habitações unifamiliares, remetendo-nos mais uma vez para a componente tradicional da arquitetura, presente ao longo deste estudo e que não poderia deixar de se manter também neste capítulo.

A utilização da ideia de pátio como fator na definição de um estilo de vida e espaço de interação entre interior e exterior, na organização do espaço doméstico, é observável num amplo conjunto de casas projetadas por Álvaro Siza entre 1957 e 1979.

O conjunto inclui treze habitações: casa Alves Costa, casa Alves Santos, casa Carneiro Melo, casa Rocha Ribeiro, casa Ferreira da Costa, Projeto da casa Rui Feijó, casa Manuel Magalhães, casa Beires, , casa Carlos Siza, casa Maria Margarida e casa Júlio Gesta.

Nesta série de casas podemos constatar, que a interiorização do espaço doméstico, ou seja o facto de a casa se voltar para um espaço em forma de pátio, como espaço exterior encerrado à envolvente, é uma constante no conjunto de projetos.

A diversidade das soluções encontradas, para realizar os pátios, permite verificar como este tema é tratado em redor de diferentes conceptualizações da mesma ideia. Em todas estas as casas, existe uma procura pela preservação do interior e da intimidade do próprio lar, que se reflete na existência de poucas aberturas para o exterior:

" (...) Em todas estas casas, a envolvente é considerada como um espaço potencialmente hostil à vida doméstica e por isso a casa é predominantemente encerrada sobre esse exterior urbano e público. As poucas aberturas que são realizadas sobre as paredes cegas que cercam o espaço edificado e limitam o urbano são pontuais, e focadas sobre alinhamentos precisos (...)" (RAMOS, 2004 p. 646).

A maioria dos projetos iniciais de casas pátio de Siza, resultam em habitações bastante compartimentadas e fechadas, com forte proximidade à conceção tradicional da arquitetura portuguesa do norte de Portugal.

"O arquiteto reconhece a natureza fechada das suas habitações e expressa o desejo de combater-lo ao longo dos anos", (RAMOS, 2004 p. 646) como veremos adiante, num desenvolvimento que tende para uma linguagem arquitetónica mais moderna e livre, contudo, constantemente aliada à atenção sensível com o envolvente e com a criação dum ambiente recolhido, recorrendo a muros ou vegetação ao longo de todo o perímetro do lote.

"Acerca da articulação do programa, creio que já tentava combater aqueles aspetos que mencionava o Pedro na crítica às minhas obras quando fala de claustrofobia. Visitando-a

recentemente, pareceu-me “uma casa” e não “uma das minhas primeiras casas”, ainda que, para mim continue a ser a minha pior obra. “ (Álvaro Siza em relação à casa Carneiro de Melo, Porto, 26 de Janeiro de 1967 “ Carta a Nuno Portas”⁹)

Também, o projeto da casa Júlio Gesta, nunca construída (1961), ilustra como a rigidez dos volumes e a claustrofobia aparente, se sucede sob a divisão em pequenas parcelas e na articulação dos espaços. A construção, é um volume compacto que ocupa o lote inteiro, “sem que nela apareçam os habituais espaços mortos ou abertos em redor da casa”. (CIANCHETTA & MOLteni, 2005, p.14) que se desenvolve em duas plantas, com aberturas a este e oeste sob a forma de pátios, que estão bem definidos e limitados pela construção.

A presença da chaminé, o átrio bem definido e fechado, e a cobertura inclinada de uma só água, (Fig.69) revelam uma proximidade ao pensamento tradicionalista característico das primeiras obras do arquiteto.

O encerramento da habitação, que caracteriza estas casas, resulta na conceção de um espaço doméstico particularmente tenso. Em oposição ao ambiente que se verifica na habitabilidade destes espaços interiores, temos o espaço exterior do pátio: “*Aí a casa relaxa, adquire uma naturalidade que o seu interior contrapõe. O espaço interior é sempre o momento culminante de um equilíbrio tenso, entre os elementos que o compõem como, massa, luz, escala, transparência, perspectiva, transição e vazio.*” (RAMOS 2004 p.670).

Esta característica comum das casas de Álvaro Siza (destas se fecharem à volta dum pátio, de costas para a rua), é observável principalmente, a partir da década de sessenta: “*Até finais da década de setenta, quase todas as casas que construí estavam concebidas à volta de um pátio. Esta opção surgiu como resposta como forma de construir numa rua em que não me agradavam nada os edifícios próximos, então “ fechava - me” e procurava criar um pequeno paraíso impossível, como todos os paraísos.*

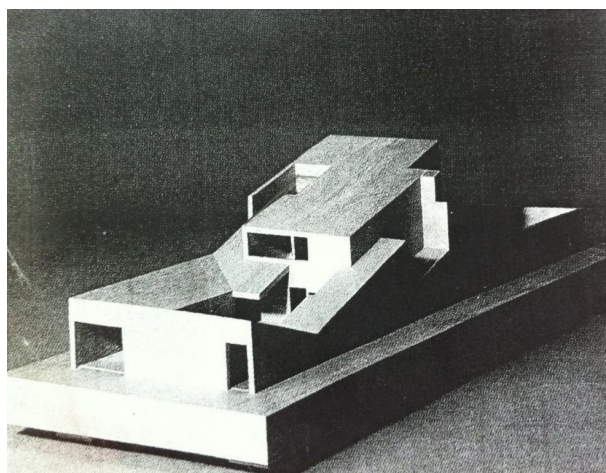


Fig. 69 Maquete da casa Júlio Gesta- Álvaro

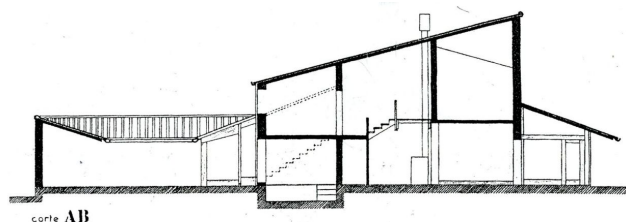


Fig. 70 Corte AB da casa Júlio Gesta




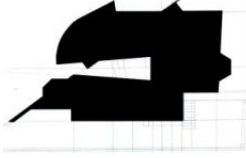
⁹ “ Carta a Nuno Portas”, publicado em Siza, *Scritti di architettura*, Skira, Milán, 1997. Siza Referência ao comentário de Pedro Vieira de Almeida, “ *Uma análise da obra de Siza Vieira*”.

Esta necessidade de introversão não era resultado de uma análise da arquitetura tradicional, senão duma eleição pessoal, um pouco estranha e moralista a respeito da arquitetura do contexto.” (VIEIRA 1983 p. 159)

Mais tarde, opta pelo desprendimento dessa atitude, e a relação com a rua torna-se muito mais direta. A exuberante e exótica casa Beires resulta desta autocrítica a respeito das suas obras anteriores, como explica o arquiteto (VIEIRA, 1983 p. 159).

Do conjunto das treze casas, seleccionámos quatro para estudo pormenorizado por serem modelos distintos entre a diversidade de interpretações do mesmo arquétipo de casa-pátio: casa Carneiro Melo (1957); casa Manuel Magalhães (1968); casa Beires (1973) e casa Carlos Siza (1977).

Estas habitações foram escolhidas pelas características próprias que apresentam e por cada uma refletir o contexto cultural social e político da sua década, assim como demonstrar a evolução do arquiteto, que apesar da influência de novas linguagens mantém inalterável na sua linha concetual, o registo vernacular.

HABITAÇÃO	DESCRIÇÃO
 <p>CASA CARNEIRO MELO (1957)</p>	<p>Posição: Posterior, voltado a oeste</p> <p>Acesso ao pátio através de espaço mediador: Não</p> <p>Acesso direto do pátio a dormitórios: Sim</p> <p>Acesso direto do pátio a espaço social: Sim</p> <p>Pavimento: Relvado</p>
<p>CASA MANUEL MAGALHÃES (1968)</p> 	<p>Posição: Posterior, voltado a norte.</p> <p>Acesso ao pátio através de espaço mediador: Sim</p> <p>Acesso direto do pátio a dormitórios: Não</p> <p>Acesso direto do pátio a espaço social: Sim</p> <p>Pavimento: Relvado</p>
 <p>CASA BEIRES (1973)</p>	<p>Posição: Anterior, voltado a sul.</p> <p>Acesso ao pátio através de espaço mediador: Não</p> <p>Acesso direto do pátio a dormitórios: Não</p> <p>Acesso direto do pátio a espaço social: Sim</p> <p>Pavimento: Jardinado</p>
 <p>CASA ANTONIO CARLOS SIZA (1977)</p>	<p>Posição: Centralizado, aberto a sudoeste</p> <p>Acesso ao pátio através de espaço mediador: Sim</p> <p>Acesso direto do pátio a dormitórios: Sim</p> <p>Acesso direto do pátio a espaço social: Sim</p> <p>Pavimento: Betonado</p>

4.6.1 Casa Carneiro Melo, (1957)

A subtração duma parcela do *quadrado* de construção e a concavidade geométrica que resulta na casa Carneiro de Melo é semelhante à lógica estrutural da planta da casa Alves Santos cujo formato é popularmente denominado de “L” (Fig.71).

A casa é a mais antiga do conjunto e está resolvida numa única planta, de 175 metros quadrados, situada num terreno da zona sul da Avenida da Boavista, Porto, frente a uma grande zona verde.

Nas palavras do próprio arquiteto as condições naturais do terreno, com um ligeiro pendente no sentido norte-sul e *as condições climáticas: “particularmente atingidos por ventos do norte e do sudoeste”* (CIANCHETTA, & MOLTENI, 2005 p.32) foram algumas das considerações para a relação entre habitação e meio ambiente que levou à solução proposta.

A solução é inspirada por algumas das moradias mais antigas da avenida e baseia-se na intenção de criar um ambiente íntimo para a casa, entendendo por casa, todo o conjunto de espaços interiores e exteriores. Para Álvaro Siza, a criação dum ambiente íntimo exige alguma proteção assegurada por alguma vegetação em frente à avenida.

A habitação composta por um corpo em L delimita um espaço exterior como extensão da casa. A qualidade dos pavimentos completa e define o desenho do pátio alpendrado que se estende para Norte.



Fig. 71 Vista do pátio alpendrado da casa Carneiro Melo.

As áreas funcionais estão distribuídas e separadas de acordo com a utilização diurna ou noturna. Assim do lado direito em relação à entrada principal temos a cozinha, a sala de jantar e em frente direta com a entrada, o *hall* e sala de convívio. E do lado esquerdo da

habitação, a zona mais privada da moradia, os três dormitórios e duas casas de banho destinadas apenas aos moradores. A área dos dormitórios e de lazer abrem-se para o espaço exterior já descrito, enquanto a zona de serviços dispõem de um acesso secundário a oeste. (Fig. 72)

A influência da arquitetura vernacular portuguesa, observa-se na escolha dos materiais e nas técnicas de construção, que de acordo com o arquiteto, devem atender a critérios de economia que não impliquem, no futuro, gastos de manutenção. Desta forma e neste projeto, á semelhança de projetos anteriores de Siza, a cobertura construída em telha portuguesa, prolonga-se para proteger as paredes da ação direta da forte pluviosidade que se faz sentir na região do Alto Douro, criando em simultâneo um alpendre que contribui para uma relação perfeita interior-exterior.

Existe uma preocupação por parte do arquiteto em corresponder a uma linguagem já existente em outras vivendas, na casa Alves Santos e Alves Costa, como explica: *“As características do terreno e a forma de ser dos clientes foram as causas próximas que levaram a algo assim como tornar sociável a linguagem das vivendas de Matosinhos. (...)”* (CIANCHETTA & MOLTENI 2005 p.26).

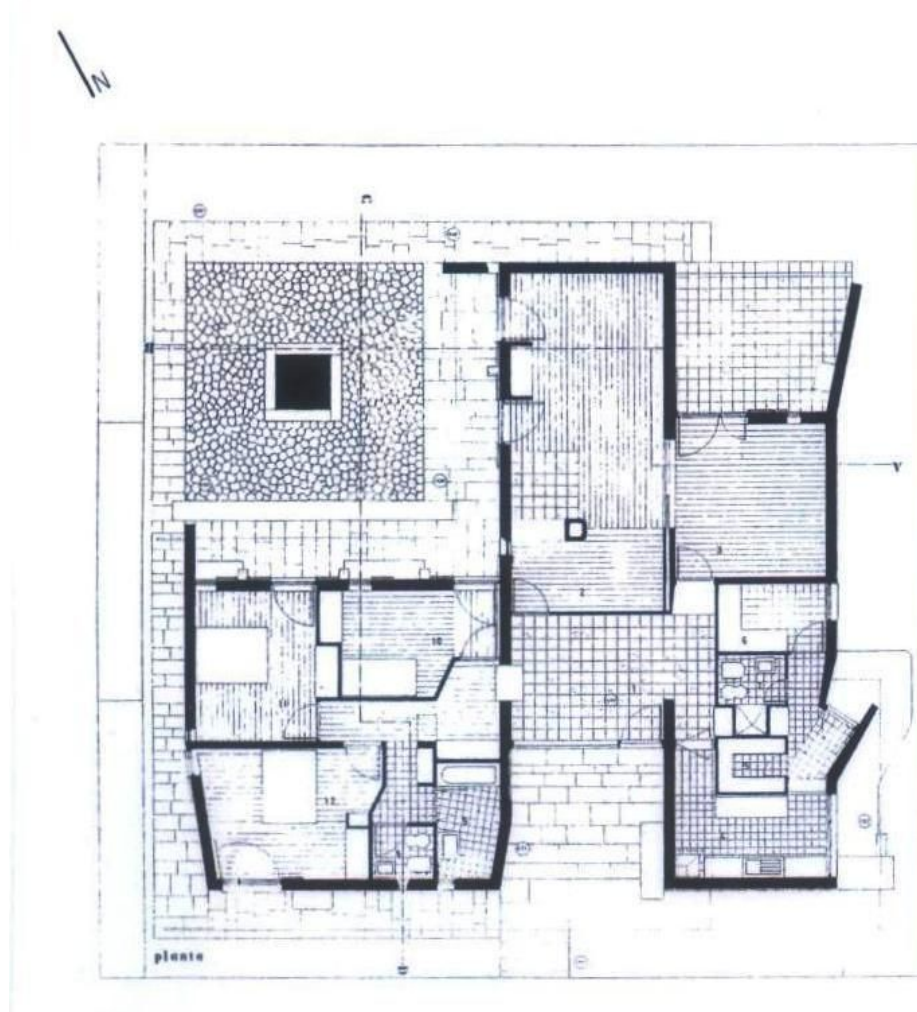


Fig. 72 Álvaro Siza Vieira. Planta da casa Carneiro Melo. (1957) Sem Escala.

4.6.2 Casa Manuel Magalhães, Porto (1968)

Nas palavras do professor Ricardo Figueiredo, (2012, s/p) na continuidade das experiências dos anos cinquenta, Álvaro Siza domina sem dúvida o panorama da arquitectura de investigação e de *vanguarda*, nos anos sessenta, no campo operativo, com a obra construída ou apenas projectada com obras que nascem a partir de novas pesquisas espaciais e linguísticas.

Em 1968, Siza projecta a casa Manuel Magalhães, uma habitação unifamiliar na Avenida dos Combatentes no Porto. De acordo com Brigitte Fleck (1992 p. 33) esta obra marca o primeiro confronto do arquiteto com o contexto circundante: *“Elementos essenciais são os muros altos e densos de diferentes tamanhos, as janelas que praticamente só dão para o pátio interior e um telhado baixo.”*

A localização do imóvel, numa das importantes avenidas da cidade, e as características burguesas da habitação indicam possivelmente que o arquiteto se tenha inspirado num modelo de casa-pátio burguês do século XIX, que devido ao avanço da ciência e da medicina verificado na segunda metade desse mesmo século, privilegia a importância da luz solar e do ar puro enquanto sinónimo de qualidade de vida. Este paraíso privado, situado nas traseiras da casa Manuel Magalhães e das casas burguesas do século XIX, assume a função de retiro da vida privada, distanciada da vida pública, como afirmação dum novo estilo de vida e procura de conforto, recolhido da confusão da cidade.

Na avenida dos combatentes predominam as moradias burguesas, construídas entre o início do século XX e o pós-guerra, que constituíam o ideal que representava a suburbanidade dessa classe social. Álvaro Siza explica que, nas moradias burguesas, as janelas e varandas viradas para a rua eram exclusivamente utilizadas em alturas de procissões religiosas, daí a classe burguesa não entrar em contacto frequentemente com o exterior e preferir a comodidade do lar, na intimidade da família. (Álvaro Siza, Porto 8 de Setembro de 1977, entrevista publicada em AMC, 44, 1978.)

O alçado frontal sem aberturas para o exterior e construído em betão, contradiz o processo de construção habitacional das casas burguesas. No entanto, enquadra-se no contexto das mesmas, na medida em que o contacto com a rua é nulo. Neste sentido, a casa Manuel Magalhães vem de encontro à tradição burguesa da cidade, através da familiaridade e privacidade presente no seu interior (Fig.73)



Fig.73 Fachada Principal da casa Manuel Magalhães. Álvaro Siza, Avenida da Boavista Porto.

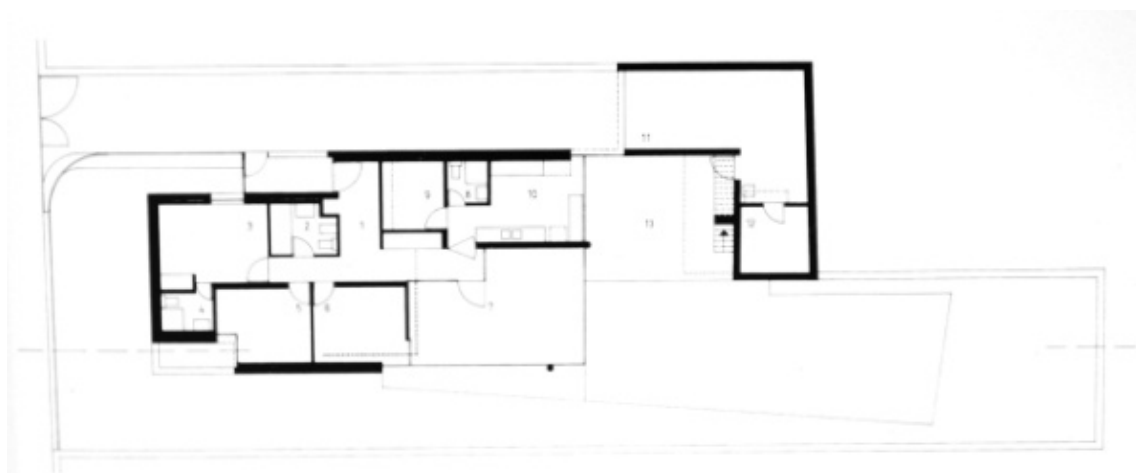


Fig.74 Planta da casa Manuel Magalhães. (1968) Sem Escala.

A casa, estreita e recortada, surge como um *bunker*, mostrando uma opção de implantação particular. Esta obra foi construída numa parte do lote da casa adjacente e organiza-se formalmente através de ortogonalidades que criam espaços reservados. A disposição dos volumes, o da vivenda e o da garagem, produz dois espaços exteriores bem definidos: um na parte de trás da casa e outro voltado para a rua. Esta é uma habitação que renuncia, à partida, toda a sua função social, com o intento de proporcionar uma maior intimidade familiar, firmemente definida à entrada, com a opção da parede de betão. Antes de entrarmos em casa, uma espécie de pátio surge novamente a favor da intimidade familiar.

Esta casa adquire uma nova dimensão no seu interior, proporcionando uma grande qualidade de vida aos seus moradores.

Siza explica que era muito dispendiosa a construção dum outro piso e opta assim por desenhar a casa de um piso único, voltada para o jardim, assim, a casa abre-se na totalidade para o interior do lote.

A escolha de trabalhar a casa em detalhe proporciona a interligação dos vários espaços. A articulação dos espaços interiores é feita através de percursos que são marcados por subdivisões que os separam, por elementos como painéis de vidro: *“Os rodapés, os revestimentos verticais em locais de passagem, a continuação que acontece por vezes do batente das portas de modo a servir como apoio para pequenos objetos, ou para pendurar quadros cria uma sensação de continuidade espacial.”* (CIANCHETTA & MOLTENI 2005, s.p.)

Existe a tentativa de alienar os elementos estruturais com móveis- estantes, armários- desenhados pelo arquiteto como mobiliário fixo da casa. A casa dispõe de três quartos, sendo um de serviço, iluminado zenitalmente para evitar ao máximo a perturbação da fachada de entrada. Os espaços de maior dimensão são a sala de estar e a cozinha.

A altura da casa é relativamente baixa, variando entre um mínimo de dois metros e um máximo de dois metros e noventa centímetros. A cobertura é plana, sendo possível a ela aceder através de uma escada exterior adjacente á garagem. A casa demonstra um trabalho minucioso em relação aos pormenores, em particular à escala, e ao trabalho de cotas, que ao serem reduzidas pontualmente, *“A altura é rebaixada para chamar à atenção de um espaço que não é óbvio “* (CIANCHETTA & MOLTENI 2005 s/p.) leva-nos a um diferente entendimento dos espaços.

Na casa Manuel Magalhães, pátio tem um papel funcional iluminação dos interiores. De acordo com Garcia Ramos (2004 p.669) encontramos um confronto de luminosidades distintas que orientam a atenção do habitante sobre o pátio exterior.

O movimento dirigido pela luz que se estabelece desde a entrada até à sala que se abre sobre o pátio é filtrado pelo biombo que articula o corredor e passagem para a sala.

A casa Ferreira da Costa e o projeto da casa Rui Feijó apresentam um conjunto de afinidades com a casa Manuel Magalhães: um total ou quase total encerramento sobre o espaço da rua e estabelecem uma organização interna, entre dois conjuntos estruturais de compartimentos, que provoca um vazio central onde se localiza a zona social da casa.

Na casa Manuel Magalhães, a abertura sobre o jardim é mais ampla alargando-se a toda a sala, através de uma parede de vidro que a contorna. Este espaço é aberto para um pátio coberto, que além de estender a sala para uma zona de sombra, articula o acesso à garagem e o acesso por escada à cobertura.

“O pátio exterior é sempre parte do programa da casa, e responde a um perfil de vida doméstica pretendida. Aqui o pátio coberto é partilhado pela sala e pela cozinha, afastando uma ideia de segregação espacial da zona de serviço, ideia aliás sublinhada pelo uso do pátio também como passagem para a garagem e acesso de serviço.” (RAMOS, 2004 p. 670)

4.6.3 Casa Carlos Siza, Santo Tirso, (1978)

Na casa Carlos Siza, observamos novamente a utilização do pátio como forma encerrada, desta vez como centro espacial da composição da planta.

Álvaro Siza adquire uma linguagem nova ao longo dos anos setenta e a casa projetada para o irmão António Carlos (1978) apresenta-se como exemplo deste período, sendo uma das mais curiosas do ponto de vista concetual.

A casa inscreve-se num terreno de pendente e configuração irregular em Santo Tirso. Esta localidade, como muitas outras nos arredores do Porto, desenvolveu-se de pequena vila, até cidade, composta por extensas edificações: fábricas, blocos de apartamentos e moradias. Elevada sobre o nível da rua e disposta para habitar numa planta única, foi realizada sob severas restrições económicas à semelhança da casa Manuel Magalhães. O projeto desenvolveu-se, nas palavras do arquiteto, com dificuldade devido à forma e dimensões da parcela e da envolvente construída, resultado confuso do crescimento progressivo da cidade.

O edifício é cercado em todo o seu perímetro por muros e estes, originados a partir da fachada do edifício, na cota mais baixa do terreno, são um importante elemento do projeto: *“ A forma do edifício é resultante da adaptação de um programa interno a uma topografia complexa e uma envolvente com uma “ ocupação de um terreno já pré estabelecidas”* (CIANCHETTA & MOLTENI (2005) p.43). Através da planta é perceptível quase a totalidade do programa. (Fig. 76) O projeto desenvolve-se somente num piso e o programa contempla quatro dormitórios, sala de estar e jantar, cozinha, dispensa e duas casas de banho, conseguindo criar um acesso a variados ambientes através do pátio central.



Fig. 75 Fachada da Casa Carlos Siza

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

A casa desenvolve-se de forma apertada que é compensada pela criação de eixos visuais que a atravessam longitudinalmente e transversalmente, estabelecendo uma relação mais aberta com a envolvente: *“O programa desenvolve-se em torno dum pequeno pátio e a partir da interseção de dois eixos referidos na torção do terreno, garantindo assim o respeito da alienação imposta e a aparente ampliação do espaço livre. A exiguidade dos espaços interiores está compensada pela existência de eixos visuais que atravessam longitudinalmente e transversalmente a área construída.”* (Álvaro Siza, Maio de 1979).

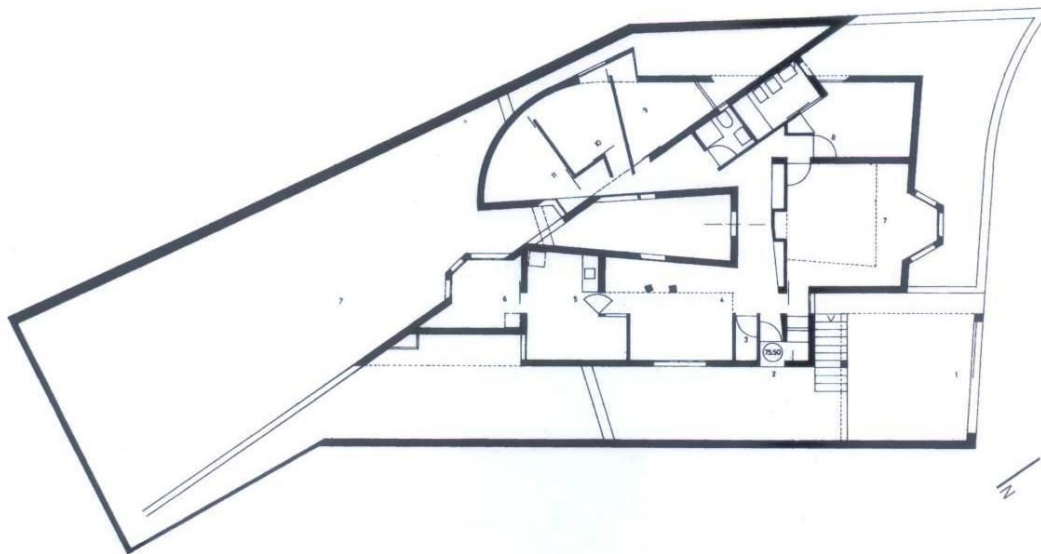


Fig. 76 Álvaro Siza. Planta da casa Carlos Siza. Santo Tirso. Sem escala.

Os acessos são feitos por uma passagem junto a um telheiro e pautados de curvas, corredores, entradas e declives. As divisões primam pela originalidade e pela irregularidade geométrica, criada pelo deslocamento dos eixos sobre os seus pontos de origem, evidenciando contudo a harmonia entre os seus elementos. Peculiarmente, o arquiteto uniu os espaços interiores cortando-os com eixos dispostos ao longo duma linha. Desta forma pode-se aperceber desta continuidade espacial desde qualquer ponto da casa. Através da sala de jantar pode ver-se o pátio interior, mas também na direção oposta, se veem as habitações e a zona ao ar livre. As compartimentações são pequenas à semelhança das casas tradicionais portuguesas de divisões *recolhidas* e estreitas, por isso o pequeno pátio trapezoidal, mais do que um espaço de estar, torna-se um espaço essencial de *transparência transversal da casa*, cuja função se assemelha à

Figs. 77 e 78 Duas Perspetivas do pátio trapezoidal da Casa Carlos Siza.



dum saguão, que ilumina e ventila as divisões que se veriam privadas de luz sem ele. (Fig. 77 e 78)

Algumas reminiscências ao *estilo burguês*, característico das habitações do século XIX, podem ser julgadas pela presença do mais iconográfico dos elementos compositivos, que Álvaro Siza utiliza também na casa Beires e no primeiro projeto, posteriormente alterado, da casa Manuel Magalhães: a monumental *bow-window* (Fig.79) no alçado principal que é a fachada da casa.

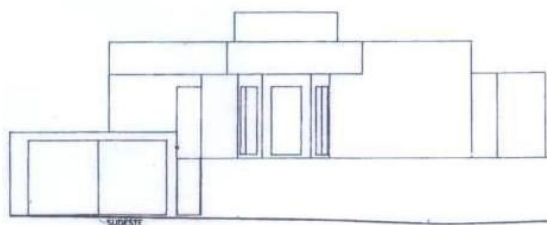
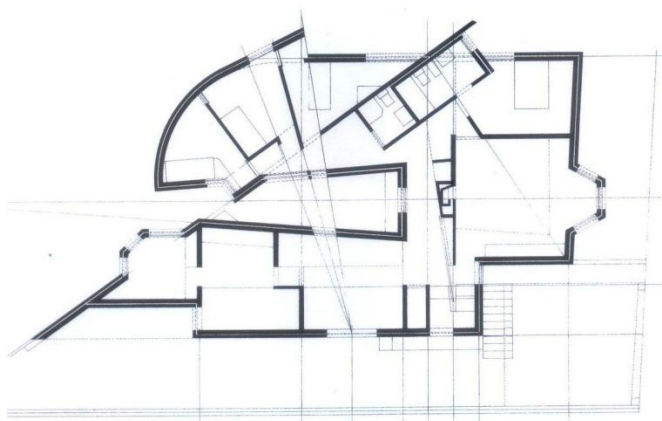
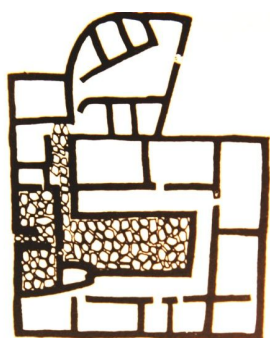


Fig. 79 Bow- Window no Alçado Sudeste da casa Carlos Siza.

O projeto reúne um leque de influências distintas. Encontraremos semelhanças entre a planta da casa Carlos Siza e o castro de Monte Padrão, curiosamente situado também em Santo Tirso. (Fig.80 e 81): *“A tão subtil ligação da planta com a “ De Deux careés” de El Lissitzky (Fig.82), apresentada por Peter Testa, é certamente tão espontânea, pelo menos em termos geométricos, como a planta idêntica do “ Castro de Monte Padrão”, as ruínas de uma vila romana em santo tirso. (...) Muitos elementos das casas de Siza podem ser encontrados na obra Arquitetura Popular em Portugal de Távora e outros arquitetos: os muros, a organização dos espaços á volta de um pátio, a localização das escadas levemente invertida, etc. ” (Fleck 1999 p.35).*



Figs. 80, 81 e 82 - Semelhança entre a Planta do Castro do Monte Padrão, em Santo Tirso, extraído de Arquitetura Popular em Portugal, (à esquerda), a planta da Casa Carlos Siza (ao centro) e a obra de El Lissitzky “Bata as claras com Red Wedge”

4.6.4 Casa Beires, Póvoa de Varzim (1973-1976).

Quando encarregaram ao arquiteto o projeto da casa Beires, os clientes queriam uma casa-pátio, porque gostavam da casa Rocha Ribeiro na Maia, que está construída num grande jardim.¹⁰

A peculiaridade da casa Beires surge, da junção da necessidade de responder à vontade dos proprietários em construir uma casa-pátio num pequeno terreno cuja envolvente é desinteressante e das influências novas da década de setenta.

Seria de esperar que Siza, na continuidade dos trabalhos que apresentara anteriormente, cedesse a casa à introspeção, no entanto, nesta obra, o arquiteto adota uma atitude diferente em relação à abertura da casa ao exterior.

Se nas obras anteriores, apesar da proximidade com rua, o pátio se fecha em parcela, na casa Beires, o pátio é colocado na frente da casa, aberto sobre a rua, separada desta apenas por um muro.

Curiosamente não é a relação com a rua o que determina a posição do pátio nesta habitação, como nos explica Enrico Molteni, mas a relação com o sol: *“ O pátio abre-se ao sol e demonstra que a casa se configura efetivamente como objeto solitário e vigorosamente autossuficiente.”* (*“Álvaro Siza- Casas 1954-2004”*, 2005 p. 92)

Na casa *“ bomba”*¹¹, o plano para a frente da rua, é escavado pelo pátio, cuja estrutura se assemelha a uma ruína deixando ver a casa como resultado desta ação. (Fig.83)



Fig. 83 Vista frontal do Pátio, Casa Beires.

Esta composição, desfaz-nos da ideia de pátio, como arquétipo de uma vida burguesa privada e restrita, como acontece na casa da avenida da Boavista, ou na casa Carlos Siza que se voltam para as traseiras do terreno.

A intenção foi a de orientar os espaços principais a sudoeste além e abri-los ao espaço exterior devidamente dimensionado e arborizado.

¹⁰ *“ Quando me encarregaram do projeto da casa Beires disse: outro terreno horrendo! Os clientes queriam uma casa-pátio, porque gostavam da casa Rocha Ribeiro na Maia, que está construída num grande jardim com um maravilhoso arvoredo. Respondi que era impossível, não havia espaço, não havia árvores, nada.”* (Siza, extraído da entrevista ao arquiteto em *Bauwelt* 29/30 1990).

¹¹ Casa *“ Bomba”*; nome atribuído pelos vizinhos à casa Beires devido à sua estrutura peculiar que se assemelha a um edifício detonado.

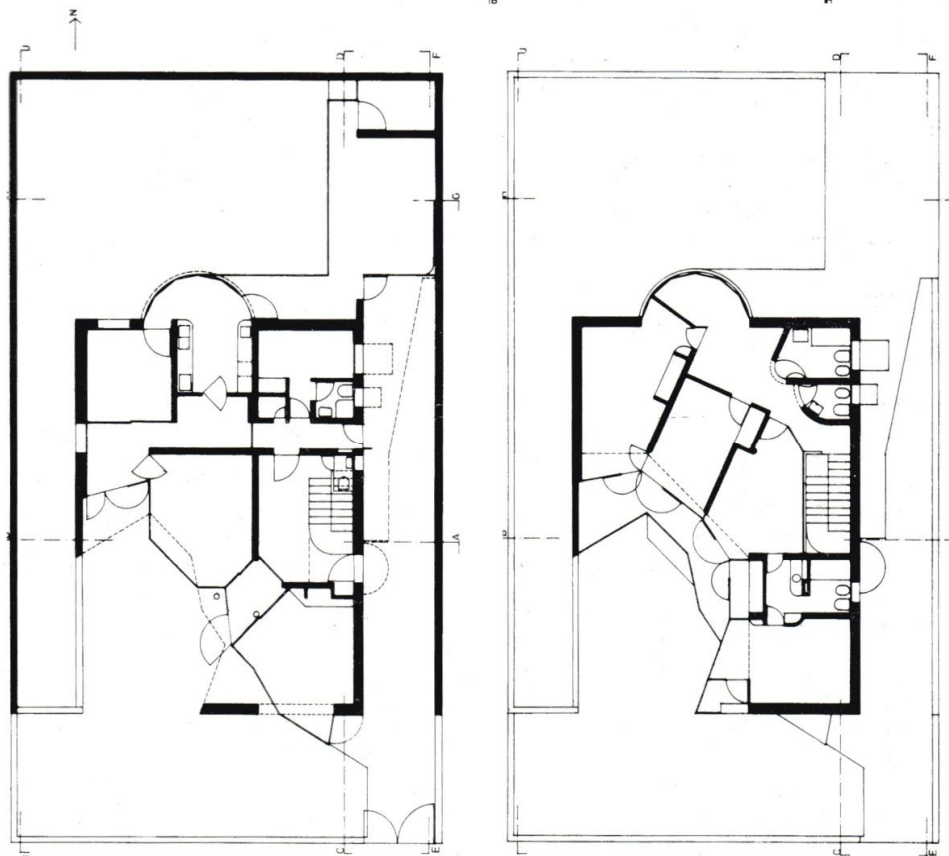


Fig.84 e 85- Álvaro Siza Vieira. Planta do piso 1 e do piso 2, da casa Beires. Sem escala.

O programa distribui-se em duas plantas, a partir duma planta retangular, com laterais a este e “rompendo” o retângulo a sudoeste. A sala de estar, de jantar e o escritório, na planta baixa e dos quartos e quarto de casal no primeiro piso abrem-se em anfiteatro para o espaço exterior, onde a intimidade dos espaços, interiores e exteriores, é assegurada por uma pérgola e pelas persianas de guilhotina que fecham a galeria contínua da primeira planta a sudoeste. Os espaços de serviços, a norte comunicam com a zona interior do jardim e articulam-se com o espaço da lavandaria e da garagem.¹²

Álvaro Siza identifica a sua obra como um projeto com pormenores muito complicados. A presença de grande quantidade de mecanismos para fechar ou para fazer comunicar os espaços, é justificada pela utilização da *parede-janela-cortina*, elemento característico existente nas galerias das casas do norte de Portugal e até na Galiza.

A ondulação irregular da fachada, permite a criação de um conjunto de espaços que confrontam diretamente o pátio: “A convulsão deste alçado é articulada pelo caixilho ondulante de madeira e vidro, pelas paredes fragmentadas dos alçados laterais e pela aresta em “ruínas” do pátio original.” (RAMOS, 2004 p. 670)

¹² Programa descrito pelo arquiteto (Álvaro Siza, Porto 3 de setembro de 1973. Álvaro Siza CASAS. 1999 p. 85)

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

Em oposição, o alçado posterior da casa assume um jogo de volumes puros numa racionalidade e numa simetria que se vai *desfazendo* até à flagrante abertura da casa, a parte frontal da casa que é muito mais orgânica. O desenho adquire uma forma irregular, desde a garagem que define com a casa, um duro espaço de entrada. Numa reminiscência da primeira versão da casa Magalhães, existe a bow-window circular, na parte traseira da habitação, que caracteriza toda a fachada e fecha o jardim.

Nas palavras de Brigitte Fleck em (1992 p.15), as casas Magalhães e Beires, notáveis vivendas, nada têm a ver com o estilo regional. Aplicou-lhe outros modelos, oriundos do Norte da Europa, nomeadamente os de Adolf Loos e da sua projeção espacial, totalmente diferentes da dos edifícios vizinhos. (Fig.85)

Para Enrico Molteni, (2005 p.91) a casa Beires reúne arquiteturas absolutamente desconhecidas naquela época em Portugal, podendo-se descobrir referências a Erich Mendelshon, Alvar Aalto, Aldo van Eyck e Robert Venturi que determinam o resultado exuberante e complexo do projeto.

Nas palavras de Siza Vieira, também a influência do estilo de Pierre Chareau, ou de Sir John Soane determinaram o desenho final da habitação: *“Não sei, poderia falar da Maison de Verre (Fig.86) ou da casa Soane¹³ ou de outras coisas que me impressionaram muitíssimo.”* (VIEIRA, 1983 p. 159)

Hoje a percepção da casa está finalmente condicionada também pela vegetação, assim como estava previsto no projeto.



Fig. 85- Perspetiva do pátio da casa Beires. Sem Escala.



Fig. 86- Pierre Chareau. Interior da sala da Maison de Verre, casa de Vidro-. 1932 Paris França.

¹³ Casa Museu de Sir John Soane, (1753-1837 Londres Inglaterra).

4.7 Comparação das casas-pátio de Álvaro Siza com as casas-pátio da arquitetura popular.

Uma das diferenças entre os patios tradicionais e os patios modernos, é o facto do pátio do inquerito nascer da disposição de espaços numa sucessão natural que surge das necessidades de abrigo, em contrapartida, nas construções de Álvaro Siza, a composição ser pensada ao pormenor e obter como resultado final, um patio estrategicamente desenhado.

Podemos afirmar que a diferença, surge logo de início, no momento do planeamento da obra. É neste momento de idealização ou sonho, que reside a primeira, senão a principal diferença, entre a arquitetura popular, que é espontânea e a arquitetura de autor, que é a arquitetura projetada.

Apesar desta diferença, é possível estabelecer semelhanças entre a arquitetura espontânea e as obras de arquitetos. Na obra de Álvaro Siza, ressaltam algumas características:

Caminho de acesso ao pátio :

O caminho comprido até à eira que se repete em percurso na casa Manuel Magalhães. (Fig. 84 e 85, 86 e 87) E também na casa Carlos Siza, apesar de nesta última a principal característica ser a disposição dum volume aglutinar que conforma um vazio que é o patio. (Fig.)

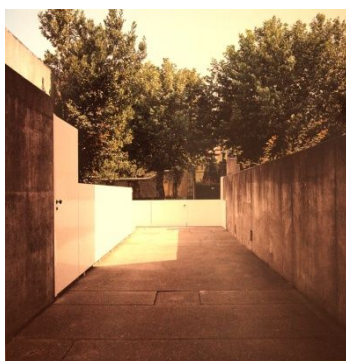


Fig. 89 e 90 Perspetiva da entrada lateral com acesso ao pátio. Casa do pároco 1955, acesso ao Quinteiro e Casa Manuel Magalhães, Álvaro Siza 1976.

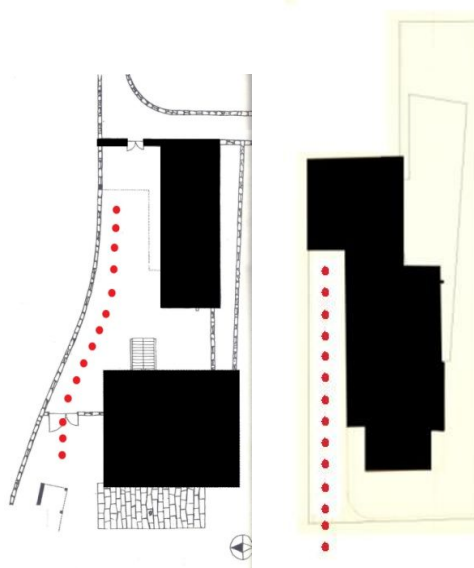


Fig. 87 e 88 Acesso lateral ao pátio. Comparação casa do Couvido e casa Manuel Magalhães.

Alpendres ou cobertoos:

O espaço que rodeia ou antecede o pátio, estabelece a relação de permeabilidade entre a habitação e o exterior. Os alpendres são o exemplo mais banal dessa transição, que coberta, protege da chuva, resguarda as janelas e as portas, fornece sombra, ou serve de arrecadação e anexo.



Fig. 91 Fachada com alpendre. IAP. 1955.



Fig.92 Álvaro Siza Vieira. Casa Alves Santos. Perspetiva do alpendre.

As janelas envidraçadas com caixilharia quadriculada:

“No norte de Portugal e na até na Galiza existem galerias constituídas por uma espécie de janela cortina. A casa, as paredes principais, a porta de entrada, etc. veem-se desde a rua, e logo aparece uma espécie de galeria fechada. É um espaço intermédio que controla a variação de temperatura entre interior e exterior. Encontra-se em algumas casas do século XVIII e XIX, tanto na cidade como no campo. Por isso na casa Beires se utilizaram as janelas de guilhotina, para criar um certo tipo de ventilação. Para mim é uma espécie de exercício com diferentes linguagens no mesmo projeto.” (VIEIRA, 1990 pp 29-30).



Figs. 93, 94, 95 e 96 - Pormenor de caixilharia de fachada de casa e fachada com varanda envidraçada. Braga arquivo do IAP. Pormenor da caixilharia da casa Manuel Magalhães e pormenor de caixilharia da casa Beires.

Conclusão

Na sua busca de abrigo o ser humano parece preferir a concavidade a qualquer outra forma. O pátio afigura-se assim como a expressão arquitetónica mais próxima de realizar esse desejo de conforto ao fornecer num mesmo espaço e simultaneamente: proteção, recolhimento, liberdade e ascensão espiritual, em suma, o espaço mais próximo do éden.

Há sensivelmente seis mil anos, aparece a primeira habitação humanizada, sob a forma de casa com pátio circular, nos vales da mesopotâmia. Esta tipologia evolui para uma casa-pátio quadrangular que parece ser o protótipo da casa contemporânea. A razão do sucesso desta tipologia reside no fato do pátio oferecer às famílias uma proteção ótima para as pessoas e seus bens e por constituir de forma inteligente um ordenamento de território ao permitir edificar lotes residenciais mais densos. Por agir como espaço climatizador das moradias, proporcionando a luz e a ventilação necessárias, o pátio manteve-se ao longo da história da habitação. Sujeito a inúmeras interpretações, da função protetora a espaço de meditação o pátio foi transversal a todos os povos da Antiguidade:

A casa grega desenvolve este espaço como continuidade exterior das suas salas e quartos, dispondo colunas ao seu redor atribuindo-lhe o nome de *peristilo*; na casa típica romana, a *domus*, é criada uma separação entre a área reservada à família e a área reservada à receção de visitas, conseguida através da existência de dois pátios, a *atrium* e o peristilo, interligadas pelo *tablinium*;

A casa pátio de origem islâmica, conhecida pelos povos árabes e com forte presença em terras ibéricas, desenhada de forma a combater o clima quente característico do norte de África e do mediterrâneo apresenta-se numa versão mais abastada como um oásis que integra pequenos lagos, fontes, repuxos, vegetação e plantações dispostas em formas geométricas rodeadas de muita ornamentação colorida.

À medida que avançamos para oriente, o conceito de casa com pátio altera-se e desenvolve-se segundo uma lógica diferente da cultura ocidental. As casas-pátio japonesas manifestam uma relação muito forte de continuidade com a envolvente exterior e com os elementos naturais e adquirem a sua expressão máxima nas residências Sukiya, onde a casa se submerge num parque/jardim em que habitação e vegetação se fundem num todo.

No período moderno, a tipologia de casa-pátio, adquire uma nova diversidade de soluções e interpretações concretizadas por arquitetos tanto racionalistas como Le Corbusier ou Mies van der Rohe; como organicistas: Alvar Aalto ou Jorn Utzon.

Le Corbusier eleva o pátio ao céu, transformando-o em terraço em Villa Savoie. Mies van der Rohe, num longo processo de amadurecimento e estudo, dissocia-se do novo ideal de habitação e utiliza o pátio, como forma de criar um ambiente propício ao recolhimento filosófico do indivíduo afastando-se de qualquer moral social. Alvar Aalto mantém-no como elemento de interação com o exterior, aberto, constituindo construções que se orientam

pelos princípios organicistas. Jorn Utzon constrói volumes em L que podem agregar e desagregar de acordo com a necessidade. Marcel Breuer utiliza o espaço livre para separar áreas de atividade diurna, de áreas de atividade noturna, e dá origem a uma série de habitações que assemelham-se entre si devido ao princípio concetual de binuclearidade, se distinguem pela multiplicidade de interpretações em que se materializam. Charles e Ray Eames projetam na sua obra mais conhecida, a *Case Study House* nº6, um pátio aberto e pavimentado na sua forma mais simples.

Devido ao seu rico passado Histórico e arquitetónico, Portugal apresenta um pouco por todo o seu território continental uma enorme quantidade das casas-pátio, e se umas por influência mourisca se assemelham às construções do norte de África, como podemos ver no sul do país, outras tem uma origem menos conhecida ou certa, e estas são as casas-pátio do norte.

Na arquitetura tradicional do norte de Portugal, concretamente na região minhota, encontrámos como exemplos mais característicos de casas-pátio, as “casas de lavoura”. O pátio que nesta região é comumente denominado por quinteiro, eira ou eido, assume principalmente a função de espaço agrícola para a secagem dos alimentos ou para malhar o milho. No Minho o pátio existe como espaço de trabalho e esta parece ser a explicação direta da sua origem.

Normalmente de dois pisos, as casas tradicionais minhotas, são construídas em blocos de granito, muitas vezes pintados de branco. As casas mais simples separam-se dos caminhos ou estradas, por muretes baixos que distinguem o terreno privado da via pública. Outras possuem uma entrada alpendrada estruturalmente conseguida por colunas de pedra que suportam o telhado de quatro águas. Outra característica definidora das casas-pátio minhotas é a existência duma varanda de madeira aberta e saliente, geralmente coberta, ou duma varanda envidraçada na sua fachada.

Ao longo desta investigação, verificámos que as casas com pátio do norte de Portugal, da arquitetura popular, não se desatualizaram, antes pelo contrário, serviram de modelo ao estudo dos arquitetos portugueses da segunda metade do século XX e muitos dos elementos característicos da arquitetura tradicional minhota irão ser retomados e reinterpretados por alguns arquitetos modernos do pós-IAP.

Através da obra do arquiteto Álvaro Siza observámos a reinterpretação do elemento pátio na casa do norte.

Álvaro Siza Vieira recupera este elemento tradicional, introduzindo-o nas suas habitações, porém, desta vez, a habitação não tem qualquer ligação ao campo, no sentido agrícola da palavra. O pátio nortenho rejeita a sua função de continuidade da atividade rural para se transformar num espaço de recreio destinado à família burguesa.

Com Siza Vieira o pátio já não é a eira de milho e adota a forma, que lhe é possível, de pequeno oásis inserido na casa. Estas casas evidenciam a continuação de algumas

características dos modelos tradicionalistas que são observáveis através do uso dos materiais, da disposição das divisões em que o pátio, como elemento recorrente da sua obra, desempenha um papel de destaque na organização de algumas habitações:

O pátio alpendrado da casa Carneiro Melo (1957), quadrangular e aberto, de composição simples resulta da subtração duma parcela ao quadrado de construção e a concavidade geométrica que origina é semelhante à lógica da planta de outras habitações projetadas pelo arquiteto, cujo formato é popularmente denominado de "L": casas Alves Santos e Alves Costa.

A solução baseia-se na intenção de criar um ambiente íntimo para a habitação, entendendo por casa, todo o conjunto de espaços interiores e exteriores. A casa Carneiro Melo é a que mais se aproxima da conceção tradicionalista de casa-pátio com grande influência com a arquitetura de Fernando Távora.

A casa Manuel Magalhães (1968) dá início a um período novo na arquitetura de Álvaro Siza Vieira, fruto de novas pesquisas espaciais e linguísticas, que se distanciam ocasionalmente do tradicionalismo inicial das suas obras. Nesta habitação, a existência de muros altos e de janelas que praticamente só dão para o pátio interior assinalam o confronto do arquiteto com o contexto circundante, em que o contato com a rua é nulo. A habitação renuncia, à partida, toda a sua função social, com o intento de proporcionar uma maior intimidade familiar.

Mais uma vez, na casa Carlos Siza (1978), observamos a utilização do pátio como forma encerrada, desta vez como centro espacial da composição da planta. O programa desenvolve-se em torno dum pequeno pátio que se origina a partir da interseção de dois eixos. O pequeno pátio trapezoidal, mais do que um espaço de estar, torna-se um espaço essencial de transparência transversal da casa, cuja função se assemelha à dum saguão, que ilumina e ventila as divisões que se veriam privadas de luz sem ele.

O projeto reúne um leque de influências distintas, modernas e tradicionais. Encontraremos semelhanças em termos geométricos, com a planta das ruínas do castro de Monte Padrão ou a obra de El Lissitzky.

A peculiaridade da casa Beires (1976) surge da necessidade de responder à vontade dos proprietários em construir uma casa-pátio num terreno demasiado estreito. Seria de esperar que Siza, na continuidade dos trabalhos que apresentara anteriormente e cedesse a casa à introspeção, no entanto, nesta obra, o arquiteto adota uma atitude diferente em relação à abertura da casa ao exterior.

A posição do pátio escancarado da Casa Beires é determinada pela relação com o sol e virada para ele. Esta composição, desfaz-nos da ideia de pátio, como arquétipo de uma vida burguesa privada e restrita, como acontece na casa da avenida da Boavista, ou na casa Carlos Siza que se voltam para as traseiras do terreno.

À semelhança da casa Carlos Siza, a obra reúne a mistura de influências de diferentes origens, como a utilização da *parede-janela-cortina* ao longo de toda a fachada, que pode

ser interpretada simultaneamente como um revivalismo deste elemento característico das casas do norte de Portugal e da Galiza, ou uma influência modernista da *Maison de Verre* do arquiteto Pierre Chareau.

Concluimos após estudo destas quatro habitações que as casas-pátio de Álvaro Siza Vieira refletem o cruzamento de influências diversas e distintas, tanto tradicionalistas como modernas e que a interpretação do pátio por parte do arquiteto está sujeita sobretudo a condicionantes geográficas, com grande atenção ao *espírito do lugar* e a necessidades psicossociais.

A importância atribuída neste trabalho à casa-pátio surge por a considerarmos como tipologia habitacional ideal. As casas-pátio mereceram o nosso estudo pelo elemento que as caracteriza ser um espaço de trabalho, de recreio e de meditação, atividades essenciais ao desenvolvimento humano.

Chamámos-lhes casas-pátio, mas podê-las-íamos ter chamado casas-jardim tal é a importância que atribuímos à relação da habitação com o exterior e a uma *natureza inserida* na arquitetura. A escolha do tema adveio da procura pela compreensão do *genius loci*, pela preservação do património e memória arquitetónica tradicional mas sobretudo pela observação da necessidade humana dum maior entrosamento entre *habitat* e habitante.

Num período em que a habitação necessita de uma reflexão nova sobre si mesma, torna-se importante questionar em que sentido teremos de operar, para que possamos desenvolver uma arquitetura dirigida a uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento humano.

Ao rever alguns dos elementos que constituem a habitação, como o é o pátio, e ao estudar as relações estabelecidas entre estes elementos, talvez consigamos obter uma perspetiva nova, que possa responder às necessidades reais das famílias e às questões pertinentes do mundo atual, que sofreu grandes alterações nestas últimas décadas ao nível da dinâmica social e do modo como habitamos o mundo.

Bibliografia Geral

ÁBALOS, Iñaki (2001) 1ª edição - *A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Gustavo Gili.

AMARAL, Francisco Keil de [et al.] (1988) - *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Edição Sindicato Nacional dos Arquitectos.

AMARAL, Francisco Keil de [et al.] (2004) 4ª Edição - *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses. Vol. 1.

AMARAL, Francisco Keil de [et al.] (2004) 4ª Edição - *Arquitetura Popular em Portugal*. Ordem dos Arquitectos Portugueses. Vol. 2.

BARATA, Paulo M. (1997) - *Álvaro Siza*. Lisboa: Blau.

BLASER, W. (1999) - *Patios: 5000 anos de evolución, desde la antigüedad hasta nuestros días*. Barcelona: Gustavo Gili.

CAPITEL, Antón (2005) - *La arquitectura del Patio*. Barcelona: Gustavo Gili.

CIANCHETTA, Alessandra; MOLTENI, Enrico (2005) - *Álvaro Siza- Casas 1954-2004*. Barcelona: Gustavo Gili.

COELHO, António Batista (2009) - *Opúsculo 18- Entre casa e cidade, a humanização do habitar*. Porto: Dafne Editora.

CONSTANCIA, J. MEDEIROS (s.d) Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Vol. 13 VERBO.

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA POPULAR - Conceitos e expressões. Valores Culturais, sociais e económicos. Casa das Artes, Município de Arcos de Valdevez- 3 a 6 de Abril 2013.

LELLO, José & LELLO Edgar (1991) *Lello Universal , Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro em dois Volumes ,2º Volume* Porto: Lello & Irmão Editores.

FARIAS, Hugo (2013) *“Modernidade e Tradição: A casa de Ofir, de Távora e a casa de Vila Viçosa, de Portas e Teotónio Pereira, como obras primogénitas da arquitetura portuguesa, na transição da década de cinquenta para os anos sessenta do séc. XX”* Comunicação efetuada no âmbito do Colóquio Internacional de Arquitetura Popular. Casa das Artes, Município de Arcos de Valdevez- 3 a 6 de Abril 2013.

FIGUEIREDO, Ricardo (2007/08) - *Arquitetura Portuguesa, Arquitetura de Fernando Távora* [projeção visual]. 67 Diapositivos: Comunicação efetuada no âmbito do Curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

FIGUEIREDO, Ricardo (2007/08) - *As primeiras obras de Álvaro Siza* [projeção visual]. 114 Diapositivos: Comunicação efetuada no âmbito do Curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto.

FLECK, Brigitte (1999) - *Álvaro Siza*. Lisboa: Relógio de Água Editores.

FRAMPTON, Kenneth (1992) - *Álvaro Siza, Obra Completa*. Barcelona: Gustavo Gilli.

FRAMPTON, Kenneth (2003) *História Crítica da Arquitetura Moderna*, S. Paulo, Martins Fontes pp 380/397

FREIXA, Jaume (1997) - *La reinvençión del patio por Josep Lluís Sert*. In *Revista DPA 13, PATIO & CASA*. Pp. 36-45

GOLDFINGER, Myron (1993) - *Arquitetura Popular Mediterrânea*. Barcelona: Gustavo Gilli.

HAMDANI, Amar (1979) - *Suméria, a primeira grande civilização*. (Sem referência a Editora.)

HENRIQUES, Helena Cristina Neto (2007) - *O pátio e as casas de Siza*. Porto-Faup. Trabalhos académicos - Provas Finais.

LAMBRECH, B. M. (2004) - *Neutra, 1892-1970*. Koln: Tashen.

LAMPUGNANI, V. M. (1989) - *Enciclopédia GG de la Arquitectura del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gilli.

LARROUSSE (1997) - *Nova Enciclopédia Larousse*. Círculo de Leitores. Volume XVIII.

LIMA, Fernando de C. Pires de [et al] (s.d) - *A arte popular em Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, Volume I.

MACINTOSH, Duncan (1973) - *The Modern Courtyard House*. London: Lund Humphries for the Architectural Association. Paper Number 9.

MÁRTI, Charles (1997) - *La casa binuclear según Marcel Breuer. El patio recobrado*. In *Revista DPA 13 patio y casa* Pp. 46-51.

MCKAY, Alexander Gordon (1975) - *Houses, Villas and Palaces in the Roman World*. London: Thames and Hudson.

MONTEIRO, Pedro Manuel Lima Delgado de Barbosa (2008) - *O Pátio como tema da arquitetura doméstica*. Porto: FAUP. Trabalhos Académicos - Provas Finais.

PEDRAGOSA, Francesc (1997) - *Interior /exterior en el espacio arquitectónico japonés*. In *Revista DPA 13 patio y casa*. Pp. 16-21.

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

PFEIFFER, G.; Brauneck, P. (2009) - *Casas com pátio = Casas pátio*. Barcelona: Gustavo Gilli.

PINHEIRO, N. (1992) - *A casa de pátio interior do Egito à Península Ibérica*. Lisboa: Nuno Santos Pinheiro.

PINTO, Manuel da Cerveira “ *Arquitetura moderna e arquitetura vernacular. Contributo das técnicas e materiais tradicionais para uma arquitetura mais responsável ambientalmente*. “Comunicação efetuada no âmbito do Colóquio Internacional de Arquitetura Popular. Casa das Artes, Município de Arcos de Valdevez- 3 a 6 de Abril 2013.

RAMOS, Rui Jorge Garcia (2004) - *A casa unifamiliar burguesa na arquitetura portuguesa - Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. Porto: FAUP. Tese de Doutoramento em Arquitetura.

RAVETLLAT, Pere Joan (1993) -La casa pompeyana: Referencias al conjunto de casas patio realizadas por L. Mies van der Rohe en la década 1930-40. Departament de Projectes de E.T.S.A.B. U.P.C. Barcelona.

RAVETLLAT, Pere Joan (1997) - Átrios e peristilos - las casas patio de Mies. In Revista DPA 13 patio y casa. Pp. 22-27

REIS-ALVES, Luiz Augusto (2005) - O que é o pátio interno? - Parte 2. In Arqitextos, Texto Especial nº 327. São Paulo: Portal Vitruvius.

ROBERTSON, D. S. (1997) - *Arquitetura grega e romana*. São Paulo: Martins Fontes.

SCHOENAUER, Norberg (1984) - *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona: Gustavo Gilli.

SILVEIRA, Ângelo Costa (1999) - *A casa-pátio em Goa*. Porto: Faculdade Arquitetura Universidade Porto.

SIZA, Álvaro; HIJINO, Nuno (2001) - *As Cidades de Álvaro Siza*. Lisboa: Figueirinhas.

SMITH, Elizabeth A.T. (2006) - *Case Study Houses 1945-1966 O ímpeto da Califórnia*. Lisboa, TASCHEN.

TRIGUEIROS, Luiz [et al.] (1993) - *Fernando Távora*. Lisboa: Blau.

ARCHDAILY [consult. 19 Maio 2013] Disponível na Internet: http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/06/1340836122_5669409184_13532c78ef_b.jpg

ARKITECTOS BLOGSPOT [consult. 1 Dezembro 2012] Disponível na Internet: <URL <http://arkitectos.blogspot.pt/2007/06/pavilho-carlos-ramos-faup-arq-lvaro.html>>

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

A NAVE DO BOM GOSTO [consult. 3 Ago. 2012] Disponível na Internet <URL <http://anavedobomgosto.blogspot.pt/2010/09/kingohusene.html> >

ANXIETY +/- STRATEGIES [consult. 20 Nov.2012] Disponível na Internet <URL <http://anxietiesandstrategies.tumblr.com/>>.

ARTS &ARCHITECTURE - CASE STUDY HOUSE PROFRAM [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://www.artsandarchitecture.com/case.houses/houses.html>>

ASIA WELCOME. JAPANESE GARDENS [consult. 3 Maio 2013] Disponível na Internet <URL <http://www.asiawelcome.com/JapaneseGardens03.html> >

AP-ARQUITETURA PORTUGUESA [consult. 17 Março. 2013] Disponível na Internet <URL <http://arquiteturaportuguesa.blogspot.pt/2012/12/a-cidade-do-sec-xix.html>>

ARTNET [consult. 8 Maio 2013] Disponível na Internet : <http://www.artnet.com/Magazine/features/mason/mason6-23-6.asp>

BARRAGÁN FOUNDATION [consult. 20 Maio 2013] Disponível na Internet: < URL www.barragan-foundation.org >

CASA MANUEL MAGALHÃES [consult. 20 Nov. 2012] Disponível na Internet <URL http://1.bp.blogspot.com/_hO6_opDgG78/RjecVPyzDI/AAAAAAAAABs/2_rpvok6PI/s1600/DAII-AS-Planta%2By%2Balzados.jpg>.

CASA MANUEL MAGALHÃES [consult. 12 Nov. 2012] Disponível na Internet <URL <http://casamanuelmagalhaes.blogspot.pt/>>

COROFLOT [consult. 13 Dez. 2012] Disponível na Internet <URL [HTTP://WWW.COROFLOT.COM/ALBABATLLE/KINGO-HOUSES-GARDEN](http://WWW.COROFLOT.COM/ALBABATLLE/KINGO-HOUSES-GARDEN)>

DO PORTO E NÃO SÓ...- NOS 50 ANOS DA PUBLICAÇÃO DA “ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL” [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html>>

FRANCES AND WRIGHT [consult. 13 Dez. 2012] Disponível na Internet <URL [HTTP://FRANCESWRIGHT.WEEBLY.COM/1/POST/2012/01/CAD-MODULE-THE-VILLA-SAVOYE.HTML](http://FRANCESWRIGHT.WEEBLY.COM/1/POST/2012/01/CAD-MODULE-THE-VILLA-SAVOYE.HTML) >

FLICKR-VILLA SAVOYE [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://www.flickr.com/photos/88017382@N00/5886601559/>>

GALINSKY - PEOPLE ENJOYING BUILDINGS WORLDWIDE [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet < URL <http://www.galinsky.com/buildings/rockefellerquest/>>

GEMMBOOK [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://www.gemmbook.com/awesome-interior-of-villa-building-by-le-corbusier/chic-modern-chair-in-the-awesome-courtyard-through-with-sliding-door/>>

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.

ISSOLE- UNA ESPECIE DE CULTURA ESTÉTICA [consult. 1 Nov. 2012] Disponível na Internet

<URL <http://issole.blogspot.pt/2010/08/casa-en-cambridge-josep-lluis-sert.html>>

NIETZSCHE E A CASA COM TRÊS PÁTIOS [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://trespatios.blogspot.pt/>>

OPEN BUILDINGS [consult. 19 maio] Disponível na Internet: <http://openbuildings.com/buildings/white-u-profile-43390>

OAPIX [consult. 2 abril 2013] Disponível na Internet : <URL www.oapix.org.pt >

PÚBLICO- TECNOLOGIA - “ A INTERNET MUDOU A NOSSA PERCEPÇÃO DO TEMPO” [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL

SCRIBD- THE MODERN COURTYARD HOUSE [consult. 24 Out. 2012] Disponível na Internet <URL <http://pt.scribd.com/doc/51925063/The-Modern-Courtyard-House>>

SOMEONE HAS BUILT IT BEFORE Le Corbusier& MVRDV- “Conscious Inspiration” [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://archdialog.com/tag/immeubles-villa/>>

UNBUILTFORM [consult. 24 Maio de 2013] Disponível na Internet: <http://unbuiltform.blogspot.pt/2011/05/week-2-casa-julio-gesta.html>

VITRUVIUS ARQUITEXTOS [consult. 19 Set. 2012] Disponível na Internet <URL <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/436>>

<http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/a-internet-mudou-a-nossa-percepcao-do-tempo-1573458>>

VM SPACE [consult. A 8 Maio de 2013] disponível na internet : http://www.vmspace.com/eng/sub_emagazine_view.asp?category=architecture&idx=10606

WAHOOART [consult. 9 Junho de 2013] Disponível na Internet < URL <http://pt.wahooart.com/@@/8XXUMM-El-Lissitzky-Bata-as-claras-com-o-Red-Wedge> >

12h30 BLOGSPOT [consult. 8 Maio 2013] Disponível na Internet <URL http://12h30.blogspot.pt/2011_02_01_archive.html>

Estudo do pátio na habitação unifamiliar: 4 casas na Obra de Álvaro Siza Vieira.